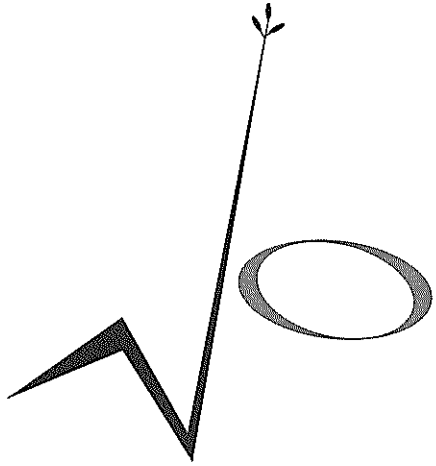
MAIO 2012

REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS, IV, N.º44

NOVELLAE OLIVARUM



Dom do Amor de Deus



NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Cón. João Marcos (Director)
Diác. David Palatino (sub-director)
Diác. Duarte Andrade e Sousa
Fábio Bernardino
Joaquim Loureiro
Mário Silva
Pedro Barros
Paulo Pires

NOVELLAE OLIVARUM
Revista do Seminário dos Olivais
Propriedade da Associação Monsenhor Pereira dos Reis

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1885-076 Moscavide
Tel. 219457370 - Fax. 219457379
Email: secretaria@seminariodosolivais.org

Depósito Legal: Nº 2912/83

IMPRESSÃO
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

TIRAGEM
750 exemplares

Preço
€ 5

Fotografia da capa: Cónego João Marcos

SUMÁRIO

EDITORIAL 7

MENSAGEM PARA O 49º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES
Papa Bento XVI 11

HOMILIA DA MISSA CRISMAL - 2012
D. José da Cruz Policarpo 19

ENTREVISTA AO SENHOR REITOR
Padre José Miguel Barata Pereira 25

CURSO DE S. BRUNO 45

TESES 91

A questão do primado do Bispo de Roma no diálogo teológico católico-ortodoxo 93
David Palatino

Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42 101
Fábio Ferreira

D. António Manuel Pereira Ribeiro, bispo do Funchal
Igreja e sociedade nos inícios do século XX no Funchal 109
Paulo Silva

O Conceito de «Irmão» no Ministério e Projecto de São Paulo
A Construção das Comunidades sob o Signo Fraterno
Rui Silva 117

CRÓNICA 131

EDITORIAL

DOM DO AMOR DE DEUS

Deus é Amor e tudo o que d'Ele vem dá testemunho da Sua natureza divina: a criação, a Sua revelação ao povo de Israel e, sobretudo, o Seu Filho feito homem que na cruz nos amou até ao fim, e o Espírito Santo que, derramado em nossos corações, nos habita e santifica... tudo proclama o Amor que Deus é. E, no entanto, surdos a tantas vozes, prisioneiros da exterioridade, somos muitas vezes incapazes de O reconhecer no concreto das nossas vidas.

Dom do Amor de Deus!

Escolhemos para título do presente número da nossa revista esta bela expressão que foi o tema da mensagem do Santo Padre para a Semana de Oração pelas Vocações neste ano de 2012. Reproduzimo-la

logo no início porque nos parece um texto luminoso e muito rico, que muitos poderão assim reler com proveito.

Saindo este número em pleno Tempo Pascal, ressoa ainda em nós a palavra abundante do nosso Patriarca na Quaresma e nas Celebrações Pascais, também ela dom expressivo do Amor de Deus à Igreja de Lisboa que nós somos. Oferecemos aos nossos leitores a sua homilia na Missa Crismal. Dirigida antes de mais aos presbíteros, integra-se muito bem na temática desta revista e ajuda-nos a perceber a especificidade do ministério dos presbíteros nesta Igreja que se entende como comunhão mas que tem um longo caminho a percorrer para aparecer como tal diante de Deus e do mundo.

Dom do Amor de Deus é também para o Seminário dos Olivais o novo Reitor, o Pe. José Miguel Barata Pereira, que sucede no cargo ao Sr. D. Nuno Brás da Silva Martins. Queremos dirigir-lhe aqui uma saudação calorosa e manifestar-lhe a nossa alegria pela sua nomeação e o nosso apreço pela sua pessoa. Conhecemos a sua dedicação ao Senhor e à Igreja, e as suas muitas qualidades e virtudes cultivadas ao longo da sua vida de presbítero, sempre ligada à pastoral vocacional e aos seminários. Agradecemos-lhe a longa entrevista que nos concedeu e que apresentamos neste número, tanto mais que, como é sabido, não gosta de falar de si próprio. Saudamos também o Pe. Alexandre Palma que desde a Páscoa integra a equipa formadora do Seminário, e felicitamo-

lo pelo seu doutoramento em Teologia Dogmática na Universidade Gregoriana de Roma. Também nesta parcela da vinha do Senhor que é o Seminário faltam trabalhadores, e são bem-vindos e recebidos de braços abertos aqueles que o Senhor nos envia.

Dom do Amor de Deus!

Impressa na capa desta revista sobre uma fotografia dos finalistas, esta expressão mete-nos pelos olhos aquilo mesmo que diz Bento XVI na referida mensagem: «Cada vocação específica nasce da iniciativa de Deus, é dom do Amor de Deus». É assim que vemos cada um destes rapazes que se apresentarão para serem ordenados presbíteros: expressão do Amor de Deus à Igreja e ao mundo e também da sua resposta livre e amorosa ao Senhor. Como em anos anteriores, serve este número da Novellae para apresentar os finalistas do curso de S. Bruno. Exercendo o ministério sacerdotal tornam-se figuras públicas e é bom que os conheçais para rezardes por eles e pelos frutos do seu ministério. As suas histórias, brevemente esboçadas pelos colegas, são um tecido surpreendente em que se entrelaçam a iniciativa amorosa do Senhor que os chamou e foi conduzindo e o «sim» muitas vezes reiterado de cada um. Cinco são do Patriarcado de Lisboa. Entre eles, o Salvatore formado no Seminário Redemptoris Mater, que provém do Caminho Neocatecumenal, e o Fernando Santos que pertence à Comunidade Emanuel. A diocese do Funchal alegra-se neste ano com quatro finalistas, e a de Santarém com um.

Em jeito de partilha, também oferecemos aos nossos leitores os resumos de quatro teses por eles apresentadas na Faculdade para obterem o grau de mestres em Teologia. A crónica da vida do Seminário encerra, como habitualmente, este número da *Novellae Olivarum*. Oxalá vos encham de alegria estas páginas portadoras das boas notícias destes *dons do Amor de Deus* aqui acolhidos e cultivados, destes homens que agora partem para semear no mundo a vida divina de que são testemunhas e mensageiros.

Cón. João Marcos

Mensagem para o 49º Dia Mundial de Oração pelas Vocações

Santo Padre Bento XVI

As vocações, dom do amor de Deus

Amados irmãos e irmãs!

O XLIX Dia Mundial de Oração pelas Vocações, que será celebrado no IV domingo de Páscoa – 29 de Abril de 2012 –, convida-nos a reflectir sobre o tema «*As vocações, dom do amor de Deus*».

A fonte de todo o dom perfeito é Deus, e Deus é Amor – *Deus caritas est* –; «quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele» (1 Jo 4, 16). A Sagrada Escritura narra a história deste vínculo primordial de Deus com a humanidade, que antecede a própria criação. Ao escrever aos cristãos da cidade de Éfeso, São Paulo eleva um hino de gratidão e louvor ao Pai pela infinita benevolência com que predispõe, ao longo dos séculos, o cumprimento do seu desígnio universal de salvação, que é um desígnio de amor. No Filho Jesus, Ele «escolheu-

nos – afirma o Apóstolo – antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em caridade na sua presença» (Ef 1, 4). Fomos amados por Deus, ainda «antes» de começarmos a existir! Movido exclusivamente pelo seu amor incondicional, «criou-nos do nada» (cf. 2 Mac 7, 28) para nos conduzir à plena comunhão consigo.

À vista da obra realizada por Deus na sua providência, o salmista exclama maravilhado: «Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a Lua e as estrelas que Vós criastes, que é o homem para Vos lembrardes dele, o filho do homem para com ele Vos preocupardes?» (Sal 8, 4-5). Assim, a verdade profunda da nossa existência está contida neste mistério admirável: cada criatura, e particularmente cada pessoa humana, é fruto de um pensamento e de um acto de amor de Deus, amor imenso, fiel e eterno (cf. Jer 31, 3). É a descoberta deste facto que muda, verdadeira e profundamente, a nossa vida. Numa conhecida página das *Confissões,* Santo Agostinho exprime, com grande intensidade, a sua descoberta de Deus, beleza suprema e supremo amor, um Deus que sempre estivera com ele e ao qual, finalmente, abria a mente e o coração para ser transformado: «Tarde Vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Vós estáveis dentro de mim, mas eu estava fora, e fora de mim Vos procurava; com o meu espírito deformado, precipitava-me sobre as coisas formosas que criastes. Estáveis comigo e eu não estava convosco. Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria, se não existisse em Vós. Chamastes-me, clamastes e rompestes a minha surdez. Brilhastes, resplandecestes e dissipastes a minha cegueira. Exalastes sobre mim o vosso perfume: aspirei-o profundamente, e agora suspiro por Vós. Saboreei-Vos e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me e

agora desejo ardentemente a vossa paz» (*Confissões*, X, 27-38). O santo de Hipona procura, através destas imagens, descrever o mistério inefável do encontro com Deus, com o seu amor que transforma a existência inteira.

Trata-se de um amor sem reservas que nos precede, sustenta e chama ao longo do caminho da vida e que tem a sua raiz na gratuidade absoluta de Deus. O meu antecessor, o Beato João Paulo II, afirmava – referindo-se ao ministério sacerdotal – que cada «gesto ministerial, enquanto leva a amar e a servir a Igreja, impele a amadurecer cada vez mais no amor e no serviço a Jesus Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja, um amor que se configura sempre como resposta ao amor prévio, livre e gratuito de Deus em Cristo» (Exort. ap. *Pastores dabo vobis*, 25). De facto, cada vocação específica nasce da iniciativa de Deus, *é dom do amor de Deus*! É Ele que realiza o «primeiro passo», e não o faz por uma particular bondade que teria vislumbrado em nós, mas em virtude da presença do seu próprio amor «derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo» (Rm 5, 5).

Em todo o tempo, na origem do chamamento divino está a iniciativa do amor infinito de Deus, que se manifesta plenamente em Jesus Cristo. «Com efeito – como escrevi na minha primeira Encíclica, *Deus caritas est* – existe uma múltipla visibilidade de Deus. Na história de amor que a Bíblia nos narra, Ele vem ao nosso encontro, procura conquistar-nos – até à Última Ceia, até ao Coração trespassado na cruz, até às aparições do Ressuscitado e às grandes obras pelas quais Ele, através da acção dos Apóstolos, guiou o caminho da Igreja nascente. Também na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente:

incessantemente vem ao nosso encontro, através de pessoas nas quais Ele Se revela; através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia» (n.º 17).

O amor de Deus permanece para sempre; é fiel a si mesmo, à «promessa que jurou manter por mil gerações» (Sal 105, 8). Por isso é preciso anunciar de novo, especialmente às novas gerações, a beleza persuasiva deste amor divino, que precede e acompanha: este amor é a mola secreta, a causa que não falha, mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

Amados irmãos e irmãs, é a este amor que devemos abrir a nossa vida; cada dia, Jesus Cristo chama-nos à perfeição do amor do Pai (cf. Mt 5, 48). Na realidade, a medida alta da vida cristã consiste em amar «como» Deus; trata-se de um amor que, no dom total de si, se manifesta fiel e fecundo. À prioresa do mosteiro de Segóvia, que fizera saber a São João da Cruz a pena que sentia pela dramática situação de suspensão em que ele então se encontrava, este santo responde convidando-a a agir como Deus: «A única coisa que deve pensar é que tudo é predisposto por Deus; e onde não há amor, semeie amor e recolherá amor» (*Epistolário,* 26).

Neste terreno de um coração em oblação, na abertura ao amor de Deus e como fruto deste amor, nascem e crescem todas as vocações. E é bebendo nesta fonte durante a oração, através duma familiaridade assídua com a Palavra e os Sacramentos, nomeadamente a Eucaristia, que é possível viver o amor ao próximo, em cujo rosto se aprende a vislumbrar o de Cristo Senhor (cf. Mt 25, 31-46). Para exprimir a

ligação indivisível entre estes «dois amores» – o amor a Deus e o amor ao próximo – que brotam da mesma fonte divina e para ela se orientam, o Papa São Gregório Magno usa o exemplo da plantinha: «No terreno do nosso coração, [Deus] plantou primeiro a raiz do amor a Ele e depois, como ramagem, desenvolveu-se o amor fraterno» (*Moralia in Job*, VII, 24, 28: PL75, 780D).

Estas duas expressões do único amor divino devem ser vividas, com particular vigor e pureza de coração, por aqueles que decidiram empreender um caminho de discernimento vocacional em ordem ao ministério sacerdotal e à vida consagrada; aquelas constituem o seu elemento qualificante. De facto, o amor a Deus, do qual os presbíteros e os religiosos se tornam imagens visíveis – embora sempre imperfeitas –, é a causa da resposta à vocação de especial consagração ao Senhor através da ordenação presbiteral ou da profissão dos conselhos evangélicos. O vigor da resposta de São Pedro ao divino Mestre – «Tu sabes que Te amo» (Jo 21, 15) – é o segredo duma existência doada e vivida em plenitude e, por isso, repleta de profunda alegria.

A outra expressão concreta do amor – o amor ao próximo, sobretudo às pessoas mais necessitadas e atribuladas – é o impulso decisivo que faz do sacerdote e da pessoa consagrada um gerador de comunhão entre as pessoas e um semeador de esperança. A relação dos consagrados, especialmente do sacerdote, com a comunidade cristã é vital e torna-se parte fundamental também do seu horizonte afectivo. A este propósito, o Santo Cura d'Ars gostava de repetir: «O padre não é padre para si mesmo; é-o para vós» [*Le curé d'Ars. Sa pensée – Son cœur* (ed. Foi Vivante - 1966), p. 100].

Venerados Irmãos no episcopado, amados presbíteros, diáconos, consagrados e consagradas, catequistas, agentes pastorais e todos vós que estais empenhados no campo da educação das novas gerações, exorto-vos, com viva solicitude, a uma escuta atenta de quantos, no âmbito das comunidades paroquiais, associações e movimentos, sentem manifestar-se os sinais duma vocação para o sacerdócio ou para uma especial consagração. É importante que se criem, na Igreja, as condições favoráveis para poderem desabrochar muitos «sins», respostas generosas ao amoroso chamamento de Deus.

É tarefa da pastoral vocacional oferecer os pontos de orientação para um percurso frutuoso. Elemento central há-de ser o amor à Palavra de Deus, cultivando uma familiaridade crescente com a Sagrada Escritura e uma oração pessoal e comunitária devota e constante, para ser capaz de escutar o chamamento divino no meio de tantas vozes que inundam a vida diária. Mas o «centro vital» de todo o caminho vocacional seja sobretudo a Eucaristia: é aqui no sacrifício de Cristo, expressão perfeita de amor, que o amor de Deus nos toca; e é aqui que aprendemos incessantemente a viver a «medida alta» do amor de Deus. Palavra, oração e Eucaristia constituem o tesouro precioso para se compreender a beleza duma vida totalmente gasta pelo Reino.

Desejo que as Igrejas locais, nas suas várias componentes, se tornem «lugar» de vigilante discernimento e de verificação vocacional profunda, oferecendo aos jovens e às jovens um acompanhamento espiritual sábio e vigoroso. Deste modo, a própria comunidade cristã torna-se manifestação do amor de Deus, que guarda em si mesma cada vocação. Tal dinâmica, que corresponde às exigências do mandamento

novo de Jesus, pode encontrar uma expressiva e singular realização nas famílias cristãs, cujo amor é expressão do amor de Cristo, que Se entregou a Si mesmo pela sua Igreja (cf. Ef 5, 25). Nas famílias, «comunidades de vida e de amor» (*Gaudium et spes*, 48), as novas gerações podem fazer uma experiência maravilhosa do amor de oblação. De facto, as famílias são não apenas o lugar privilegiado da formação humana e cristã, mas podem constituir também «o primeiro e o melhor seminário da vocação à vida consagrada pelo Reino de Deus» (Exort. ap. *Familiaris consortio*, 53), fazendo descobrir, mesmo no âmbito da família, a beleza e a importância do sacerdócio e da vida consagrada. Que os Pastores e todos os fiéis leigos colaborem entre si para que, na Igreja, se multipliquem estas «casas e escolas de comunhão» a exemplo da Sagrada Família de Nazaré, reflexo harmonioso na terra da vida da Santíssima Trindade.

Com estes votos, concedo de todo o coração a Bênção Apostólica a vós, veneráveis Irmãos no episcopado, aos sacerdotes, aos diáconos, aos religiosos, às religiosas e a todos os fiéis leigos, especialmente aos jovens e às jovens que, de coração dócil, se põem à escuta da voz de Deus, prontos a acolhê-la com uma adesão generosa e fiel.

Vaticano, 18 de Outubro de 2011
Papa Bento XVI

Homilia da Missa Crismal

Cardeal Patriarca de Lisboa | D. José da Cruz Policarpo

O ministério sacerdotal e a actualidade salvífica da Igreja

1. Esta celebração, a que a liturgia dá o nome de "Missa Crismal", embora seja a última celebração do tempo da Quaresma, destinada diretamente a preparar as celebrações do Tríduo Pascal, chama-nos a atenção para o facto de os acontecimentos históricos da Páscoa de Jesus iluminarem a vivência presente, pela Igreja, dessa Páscoa perene, onde tudo começou de novo. Nesta celebração ressalta também, em toda a sua força, o mistério da Igreja como sacramento de salvação, a dar actualidade à força salvífica da Páscoa de Jesus. Hoje celebramos o presente de Jesus Cristo, na Sua Igreja. Jesus, na Sinagoga de Nazaré, depois de ter lido o Profeta Isaías, anúncio da salvação, conclui, referindo-se a Si próprio e mostrando-se como o Salvador: "Cumpriu-se, hoje mesmo, esta passagem da Escritura".

Hoje é a Igreja, sacramento de Jesus Cristo, que declara ao mundo contemporâneo, mesmo àqueles que ainda não conseguem ouvir: "Cumpriu-se, hoje mesmo, a salvação"; e pode dizê-lo porque acredita em Jesus Cristo, sabe que Ele lhe deu o poder e a missão de tornar actual, em cada tempo, a salvação dos homens.

Fá-lo como "povo sacerdotal", porque Ele "fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, Seu Pai" (Apc. 1,6). Esta fecundidade salvífica da Igreja, Povo sacerdotal, é possível com a perenidade de Cristo, único e eterno sacerdote, a actuar nela através do sacerdócio apostólico, riqueza e condição para que toda a Igreja seja Povo sacerdotal. É, pois, compreensível, que, nesta celebração, os sacerdotes, aqueles cristãos que o Senhor ungiu para exercerem o sacerdócio apostólico, sejam também objecto de particular da atenção. Hoje, cada sacerdote é chamado a exclamar, com o Profeta Isaías: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou a anunciar a Boa Nova" (Is. 61,1).

2. Hoje celebramos a actualidade da salvação, realizada com a força da Páscoa de Cristo pela Igreja de Lisboa, na sua graça sacramental, na autenticidade do seu testemunho de fé, no seu desejo inabalável de ser comunhão, participando do amor da Santíssima Trindade. Quando nos preparamos para celebrar o 50° aniversário da abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II, é belo verificar que esta compreensão da actualidade salvífica de Cristo através da Igreja assenta no legado daquele Concílio.

Sobressai, nessa visão da Igreja, a dimensão comunitária. A Igreja é uma comunhão de pessoas, e não um conjunto de indivíduos, e a qualidade e a densidade dessa comunhão recebe-a da Santíssima Trindade. A Lumen Gentium afirma: "A Igreja Universal aparece como um Povo que recebe a sua unidade da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (LG. n 4).

Tudo, na Igreja, tem este dinamismo de comunhão: o Povo de Deus, que é povo sacerdotal; o sacerdócio apostólico; a variedade dos carismas e vocações que procuram viver esta realidade da Igreja. O episcopado, afirmado pelo Concílio como plenitude do sacerdócio apostólico, não pode deixar de ser vivido num dinamismo de comunhão. O Colégio Episcopal, a que preside o Santo Padre, Sucessor de Pedro, é a expressão primordial desta comunhão, sujeito primeiro da missão apostólica da Igreja e, por isso, da sua realidade como sacramento de salvação. Os presbíteros, que participam com o seu Bispo do sacerdócio apostólico, constituem com ele um colégio, exigência de comunhão: comunhão dos presbíteros uns com os outros, na corresponsabilidade do ministério; comunhão com o Povo de Deus de que são pastores; comunhão com o seu Bispo que garante a convergência com outros órgãos de comunhão, de modo particular com o Colégio Episcopal a que preside o Sucessor de Pedro. Todos os órgãos de comunhão convergem na construção da comunhão da Igreja.

3. A comunhão da Igreja exige, como expressão primordial, a unidade que ela bebe na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A Igreja, para ser comunhão, deve mergulhar continuamente no mistério

da Santíssima Trindade. Por isso a unidade tem de ser expressão da caridade. E a sua primeira expressão é a unidade da fé, acreditada e proclamada.

Para nós, sacerdotes, a proclamação da fé da Igreja faz parte do nosso ministério sacerdotal. Isso exige que a nossa fé pessoal seja alicerçada na fé da Igreja. O ministério é um caminho de santidade pessoal. Se isso não acontecer, facilmente caímos na tentação de proclamar não a fé da Igreja mas as nossas perspectivas e visões pessoais, o que seria uma traição ao próprio ministério recebido. Somos enviados a anunciar a fé da Igreja, consolidada na Tradição, e continuamente garantida pelo Colégio Episcopal presidido pelo Sucessor de Pedro. Esta fidelidade à fé da Igreja enraíza na nossa fidelidade a Jesus Cristo e é a raiz da obediência pastoral. Esta exige de nós que sejamos servidores de um projecto de comunhão de toda a Igreja. A obediência pastoral tem de ser, para os sacerdotes, uma expressão da caridade, pois não se trata apenas de aceitar as orientações vindas do Bispo, mas de as amar como expressão dos caminhos por onde o Espírito conduz a Igreja. Como toda a vivência do mistério pascal, pode exigir de nós renúncia e apagamento de visões pessoais.

4. A comunhão exige ainda de nós, sacerdotes, que aprofundemos e sejamos fiéis à natureza do nosso ministério sacerdotal, ministério de misericórdia, como ministros de Cristo Bom Pastor. Segundo a profecia de Isaías, somos ungidos e enviados "a anunciar a Boa Nova aos infelizes, a curar os corações atribulados, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros, a proclamar o ano da graça do Senhor"

(Is. 61,1-2). Em cada acto do nosso ministério devemos expressar o amor misericordioso de Deus. É essa qualidade do nosso ministério que nos credencia para sermos conselheiros espirituais, ajudando as pessoas a caminhar na busca da santidade e a caminhar com elas, como Cristo caminhava com aqueles que O seguiam. Neste aspecto, é preciso redescobrir a beleza do sacramento da penitência como sacramento da misericórdia.

5. Caríssimos Padres. O nosso ministério é um serviço de comunhão. Passa por ele, em grande parte, a expressão da actualidade salvífica da Igreja. Se formos fiéis, seremos colaboradores de Cristo na sua missão salvífica, em cada tempo e em cada circunstância concreta da comunidade humana.

† JOSÉ, Cardeal-Patriarca



1. Quem é o Pe. José Miguel?

Nasci a 7 de Novembro de 1071, na freguesia de São Sebastião da Pedreira, cidade de Lisboa (mas não na Maternidade Alfredo da Costa), e sempre vivi em Lisboa até ir para o Seminário com 18 anos, a

1 de Outubro de 1990. Os primeiros 4 anos vivi-os na paróquia de São Domingos de Benfica, onde fui baptizado a 2 de Abril de 1972, domingo de Páscoa. Os restantes foram vividos na paróquia de São João de Brito, onde fiz a catequese e recebi os demais sacramentos da iniciação cristã, fui acólito e de onde saí para o Seminário.

Sou o segundo de quatro irmãos, uma rapariga mais velha e três rapazes. Duas das minhas costelas são alentejanas, pois ambos os avós paternos eram de Arraiolos; todavia, o meu pai nasceu em Angra do Heroísmo e cresceu em Faro até vir para Lisboa para a Universidade (pelo meio teve um interregno de um/dois anos durante os quais viveu em casa dos seus avós, em Évora, onde concluiu o liceu). Tendo sido chamado para a guerra em África (combateu em Moçambique: Mueda e Diaca), não chegou a concluir a formação universitária e viveu profissionalmente como empregado bancário (no extinto Banco Nacional Ultramarino), até se reformar. Tais costelas acabaram por ter um sabor algarvio, pois é de Faro que eu tenho as memórias visuais dos meus avós paternos. Quanto às outras costelas, há uma predominante que é beirã, mais propriamente do Fundão, na Beira Baixa. De lá é a minha mãe e toda a família do avô materno. Terminada a escola primária, a família mudou-se para Lisboa, onde minha mãe fez o liceu e ingressou na Universidade. Tendo casado entretanto, optou por assumir o cuidado permanente dos filhos e seguiu sempre uma vida doméstica. A outra costela materna é algarvia, mais propriamente de Olhão. Todavia, os familiares maternos que conheci viviam já em Lisboa no tempo da minha infância, pelo que as referências olhanenses na minha história são inexistentes.

A minha infância e adolescência foram passadas em Lisboa. Tendo tido uma passagem efémera pelo jardim-de-infância, foi em casa e nas diferentes escolas do Estado que fui crescendo, ao mesmo tempo que bebia a fé no seio familiar e na catequese paroquial. Sem ter memória de alguma vez ter passado privação, aprendi a viver com o necessário e a prescindir do secundário, pois o orçamento ia dando à conta para a alimentação, vestuário, livros escolares, despesas de saúde, transportes públicos. Fora de Lisboa, passava as férias em casa dos avós, alternando Faro (Verão, Natal ou Páscoa) e Fundão (Verão, já que no tempo frio os avós maternos mudavam-se para uma casa em Lisboa, mais propriamente em São Jorge de Arroios).

2. Como despertou e amadureceu a sua vocação sacerdotal?

Reconheço dois momentos no despertar da minha vocação sacerdotal. O primeiro foi o preparar do terreno onde a semente pudesse ser lançada: a vida em família alicerçada nos valores da dignidade humana, da verdade, da partilha, da justiça, da liberdade, do trabalho, da obediência, da sobriedade, da castidade, sempre envolvida na consciência da presença de Deus e da procura de Lhe ser fiel. Nesta etapa também foi importante a catequese que acentuou muito a procura de fazer a vontade de Deus, tanto pela doutrina como pela oferta regular da experiência do sacramento da confissão. O segundo momento foi o da sementeira, com a entrada no grupo de acólitos, tinha eu quase 14 anos, depois de ter recebido o crisma (com 12 anos a 04 de Fevereiro de 1984) e ter feito a profissão de fé (com 13 anos, na vigília da Páscoa

de 7 de Abril de 1985). Foram três anos de proximidade do altar e da entrega de Cristo, que coincidiram com o terminar o ensino unificado e a entrada no secundário com as opções de percurso escolar que então se faziam, e que foram acentuando em mim a pergunta: "Senhor, que queres de mim quando eu for grande?". Foi nessa altura que contactei pela primeira vez o Pré-Seminário, a convite do meu pároco, para uma actividade vocacional. Mesmo tendo andado dois anos a recusar voltar a participar nas actividades para as quais era convidado (eu não pensava em ser padre), essa constante provocação foi trazendo para o horizonte a resposta à pergunta que em mim ia crescendo, a possibilidade de o sacerdócio ser o que Deus queria de mim.

Então surge a etapa do amadurecimento vocacional. Começa com a caminhada no Pré-Seminário, entre Outubro de 1988 e o ingresso no Seminário, onde depois se aprofundou. Desta primeira fase retenho a descoberta de uma oração bíblica e a tomada de consciência de que na Escritura se revelava a minha vocação e de que a Palavra de Deus acontecia agora na minha vida; também a leitura espiritual despertou o desejo de ser santo e o exemplo de santos da minha idade (nomeadamente São Domingos Sávio) trouxe a possibilidade de passos concretos no caminho de resposta a Deus; guardo ainda desta etapa a iniciação à direcção espiritual (com Mons. D. João de Castro) e uma forte experiência da misericórdia divina que transferiu o medo do inferno para a alegria de ser sustentado e redimido por Deus; finalmente refiro um aprofundamento da descoberta da Igreja e da confiança nela e a consciência da urgência da missão para a qual Deus queria contar comigo.

3. Que recordações guarda do tempo de Seminário?

A grande recordação que guardo é a de um tempo feliz, onde aliando um luminoso encontro com Cristo e uma gozosa vida em comunidade aprendi a tocar a verdade sobre mim, sobre o Homem, sobre a Igreja e sobre o mundo; essa verdade ia rasgando caminho para andar ao mesmo tempo que revelava as minhas debilidades e as graças de Deus na minha vida. Já não precisava de ser o rapaz "certinho" que sempre tinha sido fora de casa. Agora ia-me sabendo amado por ser eu e, na justa medida em que me abria e expunha, essa verdade confirmava a escolha de Deus e revelava passos de conversão e vocação. Ao crescimento espiritual de quem procurava viver com Cristo e segundo o Espírito, juntava-se a experiência intensa de deixar de me garantir para me abandonar numa pertença à comunidade e aos seus ritmos, de descobrir a obediência como libertação na verdade, a pobreza e o celibato como enraizamento profundo e seguro no Único que basta, o saber teológico como o bom sabor de ser iluminado pela revelação divina, a comunhão fraterna como expressão insubstituível da fé e do ministério autênticos, a iniciação pastoral como participação na Pessoa e missão de Cristo. Nesta última dimensão foram substancialmente importantes a experiência do acompanhamento pessoal na educação da fé e discernimento vocacional aprendido como animador do Pré-Seminário, bem como o trabalho em equipa com os formadores e companheiros "da pastoral". Mais do que uma ou outra grande experiência marcante, houve muitas pequenas experiências que marcaram um caminho e um ambiente e me centraram na alegria de procurar um coração e um olhar ao jeito de Cristo, Bom Pastor, e de aprender a estar pronto para tudo,

dinamismos de uma Nova evangelização têm dificuldade em ultrapassar a condição de passos tímidos e localizados. Catequizar sem cuidar vocacionalmente tende a redundar em entretenimento pedagógico e religiosidade exterior que não chega a penetrar na vida e a provocar o apelo a uma vida santa, à medida e na intimidade de Cristo. Algo semelhante se pode dizer quanto à pastoral familiar e à interpelação vocacional que se faz um pouco por todo o lado: normalmente são as opções pessoais e as sensibilidades de grupos que presidem ao que se vai fazendo. Poucos são os namorados e os casais que tiveram ou têm acompanhamento para viverem o seu caminho em chave vocacional. Poucos são os jovens e as jovens a quem a vocação consagrada é oferecida como um dom a conhecer, acolher, pedir e construir, e não uma simples opção de cada um. Este é o aspecto essencial da Pastoral vocacional e para isso vamos oferecendo instrumentos de oração, formação e iniciação, que difundam uma cultura vocacional: Mosteiro Invisível Vocacional, semana vocacional em paróquias, fim-de-semana de formação em animação vocacional, Terça.com, Semana.com, campos vocacionais nas férias...

Neste trabalho da animação vocacional, há ainda duas realidades que vão revelando a urgência de uma atenção sempre renovada. Desde logo a família como primeiro viveiro vocacional. Levar a família a assumir-se como espaço de vocação ela mesma e de descoberta vocacional dos filhos. Não basta dizer que o matrimónio também é vocação: é preciso ajudar a vivê-lo como resposta diária de santidade e decisão a partir de Deus, de modo diferente nas diferentes etapas do mesmo ao longo da vida. Não basta deixar os filhos escolherem o seu

futuro: é preciso levá-los a perguntar pelo projecto de Deus, a amar as diferentes vocações, e a querer o que Deus quiser. A segunda é a urgência de conhecer, apreciar e cuidar do tesouro da vida consagrada na Igreja e no mundo. Há muitos obstáculos, mesmo nas famílias e comunidades cristãs, quando um(a) jovem se abre à hipótese de abraçar uma vocação consagrada: há todo um trabalho a fazer de reapresentação deste sinal vivo do amor de Deus que já não é percepcionado como tal pela maioria dos cristãos.

Como formador nos seminários, além de todo este trabalho acima referido que também nos implica, há ainda dois outros aspectos a considerar: o primeiro, a promoção das vocações sacerdotais. Na nossa Diocese este foi sempre um trabalho atento de vários sacerdotes e acarinhado pelos cristãos, e ainda se sentem reflexos disso. Todavia, também se atravessou um período onde a reacção ou o receio de acentuações eclesiológicas mais clericalistas levou a centrar a pastoral vocacional nas comunidades apenas na dimensão da vocação baptismal universal e a esbater o específico da promoção das vocações sacerdotais. Várias vezes o trabalho de animação dos serviços diocesanos nesta matéria não encontra acolhimento nas realidades locais onde os fiéis vivem, por temor de que promover as vocações sacerdotais seja alimentar uma perspectiva mais fechada da pastoral vocacional. Mas o aspecto mais central do trabalho de formador no seminário é o acompanhamento efectivo dos que aí vivem e crescem. Trata-se tantas vezes de um trabalho de paciência, de aprendizagem do mistério da "inutilidade fecunda" do amor que semeia sem imediatamente ver ou colher. É um trabalho de proximidade e persistência, pois é essencial

testemunhar e comunicar que só permanecendo em Cristo que configura consigo e é capaz de levar até ao fim a obra começada, alguém pode ser tornado seu sacramento pastoral. É um trabalho de comunhão, com o Bispo, os sacerdotes e a comunidade diocesana e de seminário, pois esse há-de ser um traço essencial a "entranhar" por aqueles que hão-de abraçar o ministério de pastores em presbitério. Finalmente é também um trabalho de alguma solidão e incompreensão, tantas vezes diante de quem está fora e de quem está dentro, ou diante da densidade de decisões a tomar, mas que trazem a proximidade da presença de Cristo que na Cruz salva o mundo: também esta é uma dimensão fundamental a adquirir por aqueles que hão-de abraçar a forma de entrega sacerdotal que Jesus viveu na Cruz.

5. Como vê hoje o Seminário Maior de Lisboa? Sabendo que as linhas mestras da formação sacerdotal são as mesmas de sempre, que acentuações lhe parecem mais necessárias neste momento?

Como a pergunta sugere, vejo que o Seminário Maior de Lisboa há-de ser, em primeiro lugar, o que sempre foi e deve ser: comunidade de formação dos pastores que Deus quer, e a Igreja e o mundo precisam, segundo a caridade de Cristo, Bom Pastor. Isto há-de concretizar-se na fidelidade à intenção original que presidiu à sua fundação em 1931 – formar padres santos e sábios – bem como ao caminho apontado pela Pastores dabo vobis em 1992 – constituir uma comunidade de discípulos reunida à volta de Jesus, à maneira dos apóstolos, para serem

por Ele formados e enviados. Cuidar de uma vida espiritual séria, que conduza ao encontro existencial com Cristo Vivo, por Quem cada um é introduzido na vida em Deus e na caridade até ao fim pela salvação do povo de Deus, esse há-de ser o fundamento e o princípio de unidade de toda a formação: humana, espiritual, intelectual, pastoral. Sobre este fundamento assentará a coluna mestra a partir da qual se deve formar uma personalidade sacerdotal: a missão; ministro de Deus e da Igreja e perito em humanidade, o padre formado no Seminário dos Olivais deve reconhecer-se como um enviado no meio do povo, a guiar a Cristo presente na comunidade eclesial, a suscitar a maturidade da fé nos crentes, a promover os diferentes carismas na comunhão, para que cada baptizado viva a sua vocação e assuma o seu lugar na missão única da Igreja. A partir daqui surgem alguns pilares que devem ancorar todo o itinerário pedagógico do Seminário:

a) Uma oração alimentada na escuta da Palavra de Deus, pessoalmente e em grupo, que conduza à experiência de que tal Palavra se cumpre na vida das pessoas e das comunidades, de que a vida se edifica em obediência ao desígnio de Deus, e de que o ministério deve conduzir as pessoas à leitura crente da vida e do mundo. Aqui tem um papel importante a séria direcção espiritual (que o próprio seminarista deve procurar regularmente sob pena de se esconder da formação), que conduza ao confronto confiante e decidido com os apelos de conversão e configuração que Deus vá suscitando.

b) Uma liturgia cuidada e bela que resplandeça como acção do Cristo total, Cabeça e Corpo (este último sensivelmente presente na assembleia litúrgica que faz o que faz a Igreja), pela qual o Céu e a Terra se unem numa única liturgia que se prolongará na santidade de vida, na comunhão edificada, e na caridade que opera pela

imolação espiritual e pelo compromisso fraterno; este é hoje um desafio enorme, pois é um terreno onde facilmente se exprimem (e disputam) concepções erróneas no campo da eclesiologia e teologia dos sacramentos.

c) Uma forte experiência comunitária que solidifique a consciência do sacerdócio como ministério ao serviço do Povo sacerdotal, dentro e diante do qual aquele é também sacramento do único sacerdócio de Cristo. Ser de Cristo é pertencer-Lhe por completo, logo pertencer igualmente ao seu Corpo. Só pode pertencer realmente ao Corpo de Cristo quem aprendeu a colocar-se ao ritmo da comunidade sem por a comunidade ao ritmo do próprio interesse pessoal.

d) Uma caridade pastoral assumida que estruture uma personalidade sacerdotal cheia do zelo das almas, pronta a fazer-se tudo para todos e empenhada no acompanhamento pessoal de quem conhece as ovelhas pelo nome.

e) Uma gratuidade evangélica de quem não busca uma felicidade pessoal mas a quem Deus e o Seu Reino bastam, onde a vivência dos conselhos evangélicos vá sendo já uma feliz experiência que conduza à total consagração ao Senhor.

f) Uma maturidade humana, com especial atenção a uma maturidade afectiva ordenada e oblativa, e solidamente assente no primado da misericórdia e da graça santificante, capaz de integrar as debilidades num caminho de conversão e santidade devidamente provado.

6. Para si o que é um padre?

Um padre é um fiel cuja condição de sacramento de Jesus, o Filho (que comunga com todos os baptizados) é agraciada pela unção do Espírito Santo que lhe confere esta outra condição de sacramento de Cristo, Sacerdote e Bom Pastor. Em termos imagéticos, é alguém que compartilha com todos o chamamento a transportar, com o Senhor, a Cruz todos os dias, mas é também chamado a subir com o Senhor ao patíbulo da Cruz e participar desse modo da Sua entrega de vida ao Pai pela salvação do mundo. Um padre é "lugar salvífico" pois na eucaristia que oferece enquanto preside, unem-se o sacrifício pascal de Jesus com o sacrifício espiritual de cada crente e da comunidade. Um padre é, pelo que é antes de pelo que faz, a visibilidade de que Deus continua a cuidar, pessoalmente, das Suas ovelhas. É ainda a constante evidência de que a Igreja é depositária mas não proprietária dos meios da graça salvífica, pois recebe do sacerdócio de Cristo de que o padre participa das graças sacramentais que depois distribui por meio dos seus membros dispersos pelo mundo, enquanto instrumento de salvação. O padre é alguém que congrega e dinamiza, todos e cada um, na comunhão e na missão, não por delegação de poderes numa organização, mas como animador de um corpo, de um organismo vivo. O padre é um ministro, um servidor de todos que não busca o seu interesse mas o do Reino: alguém que foi e é chamado a crucificar os seus amores, para ter por amores os amores do Senhor – absolutamente radicado em Jesus e, assim, universalmente dado a todos. O padre é um parteiro que ajuda a nascer novos filhos para Deus. É um caminhante por quem Jesus se aproxima de cada fiel e no acompanhamento pessoal lhe ilumina o olhar por meio das

Escrituras e Se dá a conhecer ao partir do pão. O padre é um ministro da reconciliação que torna densamente sensível na vida dos crentes o que é quando perdoa, recria e ordena o banquete do Cordeiro que Deus é Senhor. Finalmente, um padre é herdeiro da missão de São José que, numa eleição de predilecção do Senhor, é chamado, sem iniciativa qualquer da sua parte, a receber como esposa Aquela que o Senhor desposou (a Virgem Maria como figura da Igreja), a receber na sua vida o próprio Filho de Deus e a deles cuidar e apresentar ao povo e ao mundo.

7. Como vê a realidade do nosso presbitério diocesano perante a urgência de uma Nova Evangelização que transforme a Igreja que somos em sinal mais vivo da comunhão divina no meio dos homens?

O nosso presbitério diocesano é uma realidade plural. Desde logo devido à diversidade de proveniências, pois ao contrário de outrora onde a esmagadora maioria dos padres era formada no Seminário dos Olivais, o nosso presbitério conta hoje não só com a preciosa colaboração de inúmeros sacerdotes do clero regular, mas também de um número considerável de sacerdotes de outras dioceses de Portugal e dos mais variados pontos do mundo, bem como de um crescente número de sacerdotes formados no Seminário Redemptoris Mater, cuja proveniência é igualmente bastante plural. Mas há outros factores que concorrem para a pluralidade existente no nosso presbitério. Nele comungam diversas sensibilidades espirituais, ligadas ou não a

movimentos de espiritualidade ou de vida sacerdotal, que o enriquecem quanto ao modo de responder às exigências do ministério num mundo plural. Há também uma recomposição geracional do nosso presbitério, com 121 dos 237 sacerdotes incardinados no Patriarcado de Lisboa a terem idades inferiores aos 60 anos (correspondente a 51%), todos eles formados durante ou depois dos anos setenta. Destes, 55 têm menos de 40 anos, 35 estão entre os 40 e os 49 anos e 31 entre os 50 e os 59 anos. Dos restantes sacerdotes incardinados, 1 tem mais de 100 anos, 4 estão entre os 90 e os 99 anos, 41 entre os 80 e os 89 anos, 47 entre os 70 e os 79 anos e 23 entre os 60 e os 69 anos. Esta pluralidade transporta uma enorme riqueza que muito concorre para uma perspectiva mais universal acerca da natureza e missão da Igreja, não apenas do ponto de vista teórico, mas a partir de experiências eclesiais vividas e partilhadas.

Uma Nova Evangelização, nova no ardor, nos métodos e nas expressões, tem aqui um campo facilitado para encontrar caminhos de realização, assim saiba o nosso presbitério encontrar caminhos de partilha pastoral e fazer convergir a diferença na unidade. Mas a mesma pluralidade carrega igualmente o risco da tensão e o perigo da divisão. A primeira, inevitável, pode converter-se em força de comunhão procurada, desde que se tenha o cuidado de resistir a uma autarcia reactiva que a evite. A segunda exige maior atenção que elimine quaisquer juízos de suspeição acerca da fidelidade e validade de práticas pessoais e pastorais diferentes, quando reconhecidas pela Igreja.

Outro traço característico do nosso presbitério diocesano prende-se com a incipiente experiência de unidades pastorais. Além de

ainda não estar a ser um instrumento efectivo que promova participação dos diversos carismas e vocações na missão da Nova Evangelização, os nossos sacerdotes, com toda a sua dedicação e entrega, permanecem muitas vezes ocupados numa pastoral de manutenção e com pouca possibilidade de ousar novos métodos e expressões numa pastoral de anúncio, iniciação e acompanhamento, fundamentais para a Nova evangelização. Vão surgindo iniciativas mas permanecem localizadas e creio que não ganham força para configurar o presbitério como tal face à Nova Evangelização. Se a isto juntarmos a mobilidade das nossas gentes que têm hoje mais que uma comunidade de celebração e crescimento na fé, vejo que ao nosso presbitério se levantam importantes desafios para novas respostas pastorais que ultrapassem a configuração territorial da paróquia individualizada e mesmo do conjunto de paróquias sob responsabilidade de um sacerdote (com ou sem vigário paroquial).

Um último desafio ao nosso presbitério que julgo ser de referir prende-se com a forma de viver a relação da Igreja local com a Igreja Universal. A Nova Evangelização envolve dinamismos à escala global a par de encarnações muito concretas e precisas na comunidade local. Simultaneamente, implica a fidelidade à Tradição e à tradução próprias de toda a evangelização. Tal facto convoca todo o presbitério diocesano para uma comunhão pastoral muito efectiva com o Patriarca de Lisboa em torno de quem, com quem e por quem a Diocese assume a sua identidade e missão eclesial, na comunhão das Igrejas e do Colégio Apostólico presidido pelo Santo Padre. O Papa (e os organismos da Santa Sé com ele) não é a Igreja Universal mas o sinal e instrumento de unidade da mesma, indispensável, tanto no eixo espacial da comunhão

das Igrejas espalhadas pelo mundo, como no eixo temporal da Tradição. Deste modo, a missão da Nova Evangelização convoca igualmente para uma comunhão efectiva com as orientações mais explícitas e os sinais mais sugestivos que o Papa oferece para serem pegados, porventura aqui ou ali de modo diverso, em cada Igreja local. Em concreto, penso que os caminhos de uma vida orante fundada na escuta e obediência à Palavra de Deus, de uma dimensão contemplativa e mística vivida no meio do mundo, de um repensar a pastoral em ritmos de comunhão e unidades pastorais, de uma vivência da fé e da doutrina social da Igreja capaz de concorrer para a construção da cidade, de uma beleza e profundidade da liturgia oferecida pela reforma emanada do Concílio Vaticano II, são prioridades escolhidas pelo nosso Patriarca para o presbitério diocesano se envolver na missão da Nova Evangelização. De igual modo, penso que o campo da liturgia, do ecumenismo e do diálogo religioso, do diálogo fé e razão, são áreas onde o nosso presbitério de Lisboa se deve sentir encorajado pelo Papa a procurar novas sínteses de comunhão (e não de exclusão ou suspeição), alargando e (re)integrando o que seja de o fazer, e assim concorra para que a Igreja apareça como sinal da comunhão divina no meio dos homens.

8. Sétimo reitor do nosso Seminário depois de três bispos consecutivos... Como está vivendo esta nova tarefa?

Ser reitor do Seminário dos Olivais é receber um tesouro riquíssimo em vaso de barro. Traz pois o peso enorme de não desvirtuar mas continuar o legado recebido, de uma casa que tanto em termos de

formação sacerdotal, como até de renovação eclesial (dentro e fora do país), foi e é (embora em menor dimensão) uma referência. Mas traz também o dinamismo do próprio ministério, como o apresenta São Paulo, o que enraíza esta missão concreta no horizonte do sacerdócio a que o Senhor me chamou e me permite confiar que é Ele mesmo quem guia e garante esta missão como sempre fez nas outras que antes me confiou. A primeira vez que nesta condição de reitor me desloquei ao Seminário de Caparide e me encontrei com a D. Benedita, ela saudou-me pela nova missão e disse-me: «agora tem que rezar mais!» Este é um chamamento que tenho tentado interiorizar neste tempo. Para ver com Deus e ao seu jeito o que Ele quer sobre cada um dos seminaristas, preciso de andar sintonizado com a sua forma de ver. Confesso que nem sempre é fácil, pois ainda não consegui reformular (aumentando) o tempo para o repouso nocturno e isso tem consequências. Mas vou tentando! Este tempo tem sido também uma experiência de fidelidade à comunhão: comunhão com o projecto de Seminário que herdei, que é o da Igreja, que é o do meu Bispo, e ao qual já aderia quando fazia equipa com o anterior reitor; comunhão com a equipa formadora, encontrando em conjunto os melhores caminhos para responder aos desafios que se colocam ao ritmo diário do ano corrente e que se perspectivam para o ano vindouro. Outro aspecto que tenho procurado traduzir de forma ainda mais visível, é que o sacerdote não se transporta apenas a si próprio mas nele vai sempre o rosto de Cristo, da Igreja, do sacerdócio, do presbitério a que pertence, da instituição que serve... Na forma de estar, de falar, de vestir, de exercer o ministério, o padre tem que manifestar visivelmente a sua condição de ser sacramento, ponte, acolhimento, confirmação, homem de Deus no meio dos homens...

Quanto ao facto de ser o sétimo reitor depois de tão grandes homens da Igreja, espero fazer disso uma força se souber, com a ajuda de Deus, integrar na formação as acentuações que cada um trouxe no exercício da sua missão e deixou plasmadas no projecto de Seminário que hoje guia a vida desta casa.

Padre José Miguel Barata Pereira



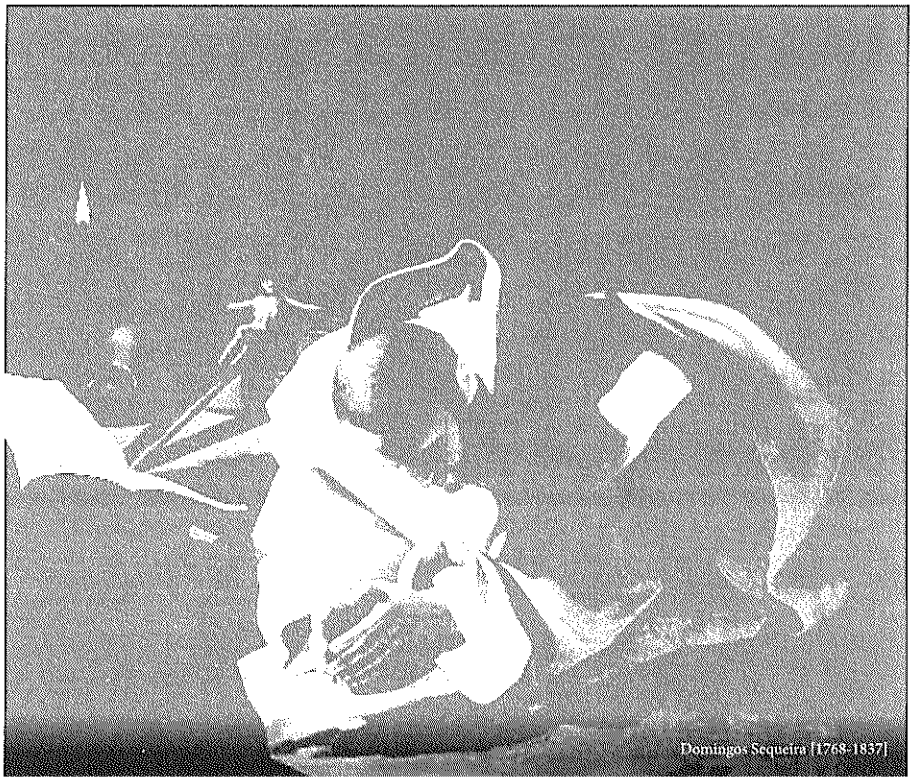


Curso de S. Bruno

Curso de S. Bruno

É já uma longa tradição do Seminário a adopção de um padroeiro de curso, escolhido a propósito de um acontecimento ou marco importante da vida desse curso ou por uma certa identificação com a sua vida, obra e carisma. Geralmente essa escolha é feita na transição entre o Seminário de S. José de Caparide e o Seminário dos Olivais.

Também connosco sucedeu o mesmo. Apesar do hibridismo do nosso curso, que iniciou em 2005 com 6 alunos e foi 'perdendo



e ganhando' elementos, até aos 9 finais que constituem o 6º ano dos Olivais, no momento da escolha a opção recaiu em S. Bruno. Porquê um santo nada popular e quase desconhecido? Como disse uma vez o Fernando Santos, «não somos nós que escolhemos o santo, é ele que nos escolhe». Se isso é verdade para aqueles que não tiveram outro remédio senão aceitar, como é o caso dos 4 alunos do Funchal, do Fernando Santos e do Ramom, não deixa de o ser também para os 3 D's (Duarte, David e Duarte).

Confesso que desconhecia S. Bruno antes de entrar no Seminário, e fiquei a conhecê-lo devido a um acontecimento muito marcante da nossa passagem por Caparide: a 6 de Janeiro de 2006, o nosso curso, então a frequentar o Ano Propedêutico, teve a graça de participar nos votos perpétuos de um até então padre da diocese de Lisboa, o Padre Luís Nolasco, na Cartuxa de Miraflores, em Burgos. Foi de tal forma uma experiência forte que a nossa ligação à Cartuxa permanece ainda hoje e levou à adopção de S. Bruno, seu fundador, como nosso padroeiro.

Não vemos o padroeiro de curso como um mero pro forma. O seu exemplo inspira-nos a prosseguir o caminho rumo ao sacerdócio, sobretudo na valorização do silêncio orante e da humildade, enquanto busca da fidelidade aos desígnios de Deus. Um hino (poema) por mim escrito exprime, de certa forma, o que aprendemos de S. Bruno e o que esperamos dele:

Santo discreto e desconhecido,
Que escolhemos como padroeiro,
Foste semeador do dom divino,
Da oração que sustenta o mundo inteiro.

Por amor ao mundo fugiste do mundo,
Para o sustentar com a tua oração.
E foi na montanha, longe de tudo,
Que te tornaste da Igreja coração.

Recusando ser bispo por convicção,
Com Deus sempre estiveste em comunhão.
Na Cartuxa encontraste a solidão
Que se tornou divina vocação.

Ainda hoje perdura essa memória
Do dia em que fundaste uma comunidade.
Assim se foi escrevendo na história,
O zelo de Deus por toda a humanidade.

São Bruno, apóstolo da verdade,
Que na oração foste ínclito doutor,
Mostra-nos o caminho da humildade,
E conduz-nos ao silêncio do amor.

Diác. David Palatino



David Palatino

O David nasceu no concelho de Óbidos, no Bairro de Nossa Senhora da Luz, uma pequena e pacata aldeia, de casas brancas, de gente simples. A mãe cuidava dele mas, certamente, que a Mãe do Céu já intercedia por esta pequenina luz, o David. Crescia em humanidade mas precisava da graça abundante do Bom Deus. Foi baptizado a 18 de

Agosto de 1985, na igreja paroquial de Santa Maria de Óbidos. Deus começava a realizar maravilhas segundo os Seus desígnios.

Em 2001 dá mais um importante passo no seu percurso de fé: recebe o sacramento do Crisma. Derramados nele os dons do Espírito Santo, David leva a sério essa confirmação da parte de Deus e da Igreja, participando todos os domingos na missa e integrando-se na sua paróquia.

Na dedicação do altar da capela do Bairro de Nossa Senhora da Luz, no ano 2002, o testemunho do Pároco e de tantas almas generosas dedicadas à Igreja e a Deus tocam profundamente o coração do David. Foi um momento deveras importante na maturação da sua fé e na sua abertura à questão vocacional. A graça de Deus não foi em vão e lá foi aprendendo a responder ao Senhor, como catequista, membro do grupo coral, como acólito e mais tarde como ministro extraordinário da comunhão.

Sonhava ser guia turístico e viajar pelo país fora e pelo mundo. Para a realização desse projecto tirou o bacharelato em Informação Turística, no ramo de Guias-intérpretes nacionais. Entre o ritmo semanal da universidade no Estoril e os fins-de-semana passados em família e na ajuda ao pároco, a sua mente ia-se estruturando e a inteligência aperfeiçoando, como o comprovam os bons resultados académicos.

Sabe quem caminha com Deus que Ele pede sempre mais e logo a seguir, em 2003, o padre José Luís, na altura pároco de Óbidos, convida o David a participar na Semana de Verão no Seminário de Caparide. Foi uma semana muito rica que o David descreve com as seguintes palavras:

"semana intensa, onde fui confrontado com a possibilidade de ser padre, ideia que remoeu dentro de mim e me levou a uma procura mais intensa da vontade de Deus, pela Direcção Espiritual e aprofundamento da fé, sobretudo doutrinal".

A passagem pelo Seminário de Caparide teve a duração de três anos: o primeiro ano (2005), chamado o ano propedêutico ou o ano de discernimento, seguido de dois anos na Faculdade de Teologia. Terminados esses dois anos (2006-2008), ingressa no Seminário Maior dos Olivais para os quatro últimos anos de formação. Foi mais um sim a Deus, desta vez com uma confirmação mais séria da vocação por parte da equipa formadora. Duas experiências pastorais marcaram a sua caminhada: os dois primeiros anos na paróquia de Loures, de Lousa e Santo Estêvão das Galés, e nos dois anos seguintes, como animador do Pré-Seminário de Lisboa.

Em Agosto de 2011 participou nas Jornadas Mundiais da Juventude em Madrid, que o David descreve como tendo sido uma" experiência da Igreja Universal, sobretudo a Missa celebrada pelo Papa com os seminaristas: "um grande cenáculo".

A sua Ordenação diaconal foi no Mosteiro dos Jerónimos, no dia 27 de Novembro de 2011. No dizer do próprio David, "a acção do Espírito Santo selou no meu coração o carácter sacramental que me configura com Cristo servo".

Eis alguns aspectos que saltam à vista de quem conhece o David mais de perto: o seu interesse pela Teologia e pelo Ecumenismo e o seu empenho na Liturgia, participando no canto coral como salmista e

mestre escola do coro do Seminário Maior dos Olivais. Também gosta do futebol e do Benfica.

O facto de o David ter nascido numa família humilde requereu um grande esforço e muito trabalho para que avançasse neste caminho rumo ao sacerdócio, com a graça e a misericórdia infinitas de Deus. Na comunidade do Seminário é atento e disponível aos outros, dando por vezes do seu tempo e dando-se ele mesmo ajudando nos estudos alguns colegas; é trabalhador e disciplinado, e homem de oração. Deus vai-o moldando para o Seu serviço. Diz quem o ouviu que as suas pregações de diácono são profundas e cheias de conteúdo da Palavra de Deus. Finalizamos com duas expressões utilizadas pelo David: " Que Ele cresça e eu diminua" (a frase escolhida para a sua ordenação Diaconal) e "só se vê bem com o coração; o essencial é invisível aos olhos " (St. Exupèry).

João Correia Paulo



Duarte Andrade e Sousa

Duarte de Andrade e Sousa – Ipsis em Caparide, Duarte Êmpis nos Olivais e Dadinho em família – é verdadeiramente um "seminarista da cidade". De facto, nasceu em Lisboa a 9 de Setembro de 1985, sendo baptizado a 26 de Novembro do mesmo ano na capela da casa da sua família - a Quinta do Bomjardim, em Belas.

Conhecendo-o tardiamente – somente na sua vinda para o Seminário dos Olivais em 2008 – sei que cresceu por Santa Isabel e Telheiras, Banzão e Bonjardim, sempre rodeado da imensa família e de um batalhão de amigos que foi fazendo com a sua simpatia natural e incomparável sentido de humor.

Apesar das constantes solicitações sociais, descobriu desde cedo o sentido de uma vida vivida com e para Deus, sem porventura saber ainda muito bem como: mas foi animado por esta certeza (reforçada pelos exemplos de santidade de João Paulo II e Madre Teresa de Calcutá) que se entregou de alma e coração ao serviço dos outros, primeiro na AASUL (Associação de Acção Social da Universidade Lusíada), com projectos missionários em Cabo Verde, e depois nas suas "Equipas" – as Equipas de Jovens de Nossa Senhora.

Os anos de 2004 e 2005 marcaram um encontro ainda mais forte com a pessoa de Jesus Cristo, particularmente numa peregrinação a Santiago de Compostela e na eleição do Papa Bento XVI, vivida em plena praça de São Pedro em Roma. A atracção dessa presença, experimentada em Igreja, foi-se impondo irresistivelmente na sua vida, o que inevitavelmente o levou a dar um passo mais além. Deixou então os seus projectos pessoais, concretamente o curso de Direito, para, com amor, se oferecer inteiramente ao serviço de Deus e da Sua Igreja, ingressando no Seminário Patriarcal de São José de Caparide a 20 de Setembro de 2005. E assim o "Seminarista 16" foi crescendo em Graça, mas também muito em "estatura" (para o que terão contribuído algumas toneladas de Nutella).

Ao longo dos sete anos de Seminário foi consolidando uma autêntica vocação sacerdotal, entregando-se fiel e generosamente ao projecto de Deus, no estudo da Teologia, na fidelidade à oração e no cuidado pastoral das missões que o Seminário lhe foi confiando: paróquias de Nossa Senhora do Amparo de Benfica, Milharado, Vila Franca do Rosário e Gradil. Aqui, o "menino da cidade" surpreendeu quem o julgasse incapaz de incursões rurais, adaptando-se com incrível versatilidade à realidade "saloia" – é irrepreensível a servir "porco no espeto" nos arraiais – o que revela bem a sua capacidade de ir ao encontro dos outros e de acolher todo o género de pessoas: traços de verdadeiro pastor. Isto sem abandonar a sua missão junto das "Equipas" e de outros grupos de jovens, a quem dá regularmente muito dos seus tempos livres, sobretudo nos campos de férias do SAIREF: ouvir dizer «não tenho tempo» é talvez a frase que mais o "tire do sério"!

Esta entrega foi vivida também na própria comunidade de Seminário, que sentiu sempre como casa sua. Aí desenvolveu um trabalho metódico e sistemático, dedicado, por vezes, a tarefas gigantescas que nunca o assustaram e que realizou sempre de forma discreta, sem fazer alarde. São disto exemplo a inventariação e acondicionamento de milhares de livros da biblioteca dos Olivais e, aquela que é a sua coroa de glória, a verificação, uma por uma, das mil e uma chaves existentes no Seminário, que hoje dispõe, sem sombra de dúvida, de um dos mais organizados chaveiros do País!

Caracterizar o Duarte não é, contudo, uma tarefa fácil, pois o seu carácter livre, daquela liberdade de quem se deixa orientar

exclusivamente pelo Senhor, escapa a retratos estereotipados e a esquemas preconcebidos...

Certo é que será verdadeiramente um "padre de Bento XVI", marcado, como não podia deixar de ser, por este pontificado, pela fidelidade e atenção que dispensa à voz da Igreja, pela exigência que coloca na vida espiritual, pela sua dedicação à missão, pelo amor e cuidado que demonstra pela liturgia, no assumir com coragem perante o mundo a sua consagração, servindo a Igreja como ela quer servida.

Por isto, pelo que o Duarte foi e é na minha vida, mas sobretudo pelo dom imenso que representa para a Igreja, dou graças a Deus.

Diogo Correia



Duarte Morgado

Dizia o Papa Pio XII que na escola de Deus, somos todos irmãos: irmãos na contemplação, no estudo e no uso da natureza; irmãos na vida e na morte. Estes dois últimos anos de partilha de vida comunitária no Seminário e na pastoral com o Duarte Nuno Ferreiro Madaleno Ferreira Morgado permitiram-me reconhecer nele um homem apaixonado por Deus.

Nasceu no dia 16 de Dezembro de 1987 na paróquia de Aljubarrota onde foi baptizado e deu os primeiros passos. Encontrou -se com Jesus Cristo quando era acólito na paróquia de Alcobaça e fez a experiência da Sua proximidade e do Seu amor no Seminário de Penafirme; tomou consciência da grandeza da sua vocação baptismal durante o Ano Propedêutico no Seminário de S. José de Caparide, nomeadamente no Estabelecimento Prisional de Lisboa com os prisioneiros da Ala A. Pois como ele mesmo diz:

"Percebi que tinha alguma "missão" junto das pessoas que conhecia, e falar de Deus e estar com as pessoas por causa da Sua mensagem foram desafios vocacionais".

O Duarte procura ser um discípulo dócil que contempla o seu Mestre e O escuta: Se alguém quer servir-me, siga-me. Ao entrar na comunidade do Seminário dos Olivais foi aprendendo do seu Mestre a ser bom pastor e a ter os mesmos critérios de Cristo, a suportar as dificuldades e as provas próprias do seguimento do seu Mestre e Senhor nos vários serviços que foi exercendo nas paróquias da Ramada, de Algés, Miraflores e Cruz Quebrada. E a contagiar os outros com a música da alegria e da esperança e de aliviar as suas dificuldades.

Para dar Deus aos homens não basta aproximar-se deles, abordá-los e estabelecer contacto; o Duarte sabe que são necessários amabilidade, paciência, compreensão e, sobretudo, saber apagar-se para dar a Cristo a possibilidade de tocar os corações.

Ele revê-se na frase de São Paulo: "Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo" (1 Cor 9, 22) que toma para seu lema de vida no serviço a Cristo e à Sua Igreja. Acredita que há sempre uma palavra de esperança, de fé e de amor para dar àqueles que precisam de se abrir à novidade de Cristo.

O testemunho de vida deste irmão em Cristo tem sido edificante para mim e tem-me ajudado a nunca perder de vista a vocação suprema, que é permanecer sempre com o Senhor (São Bruno, Vita consecrata, 7). Pois, o que há de melhor do que Deus? Existe outro bem, além do único Deus? (São Bruno, Carta a Raul, n. 15).

Concluo com uma prece: graças Te dou, Meu Deus, porque Te revelas em gestos tão humanos na pessoa deste irmão! Faz com que ele seja um profeta, um apóstolo e um ministro do Teu Amor e que eu Te encontre sempre na transparência da nossa amizade em Teu Filho Jesus Cristo e no Espírito Santo. Ámen.

José Alberto Vicente



Ramom Vergasta

Edvaldo Ramom Matos Vergasta chegou à diocese de Santarém e ao Seminário dos Olivais depois de um longo percurso vocacional no qual ressoa como que o rumor de muitas águas, como refere o livro do Apocalipse (19,6). Brasileiro nascido em 23 de Abril de 1974 na Bahia, cresceu entre os 2 e os 17 anos perto das cataratas do Iguaçu no estado do Paraná, até entrar no Seminário dos Legionários de Cristo em Curitiba.

No dia 12 de Março de 1995 fez os primeiros votos em Itú e continuou a sua formação em Salamanca e em Roma. Posteriormente, após ter sido missionário na Colômbia durante dois anos, regressa ao Brasil convencido de que o Senhor o chama a servi-l'O de outra forma. Descobre então o carisma de padre diocesano e, encorajado por amigos, resolve-se a concluir os estudos de teologia e vem para a diocese de Santarém, em Portugal.

Este é já o segundo ano que caminhamos juntos no Seminário. Mas isso diz apenas do tempo cronológico, que muitas vezes é o menos importante. A verdade é que devido ao facto de sermos da mesma Diocese, Santarém, temos passado juntos bastante tempo, vivido em Cristo, na partilha da vida da Sua Igreja. Além do dia-a-dia no Seminário dos Olivais, há os tempos fortes passados na Diocese nos quais o "Seminário" de Santarém se junta, e que constitui um momento privilegiado para nós nos conhecermos e para o Ramom se integrar progressivamente. Na maioria dos fins-de-semana, fazemos juntos a viagem para os estágios pastorais. É um tempo de partilha da realidade das paróquias e do trabalho que o Senhor Jesus nos chama a desenvolver nelas.

Ao longo destes dois anos, o Ramom contribuiu para alargar a diversidade do Seminário com a sua experiência multifacetada nos Legionários de Cristo. Importante também para a edificação da nossa comunidade é o seu testemunho de fidelidade aos ritmos comunitários, sobretudo de oração. A fidelidade às laudes, chegando sempre antes do seu início, é um exemplo. O Ramom também tem um percurso teológico interessante e, na minha perspectiva, muito nos favorece no Seminário

pela sua diferença. A sua experiência missionária contribui igualmente para a possibilidade de «alargarmos» os nossos «horizontes» pastorais.

Mas o Ramom possui igualmente outras qualidades que podem ser úteis no serviço à Igreja. Para além da sua paixão e natural aptidão para o teatro uma das que melhor o define, na minha perspectiva, é a sua disponibilidade para servir. O próprio Ramom diz muitas vezes: "Estou para servir", fazendo-nos lembrar muito o Senhor Jesus que disse «Eu estou no meio de vós como aquele serve» (Lc 22, 27). A alegria que o habita é outras das qualidades que poderá ser-lhe muito útil no exercício do seu ministério, pois é um dos testemunhos mais belos e espontâneos que podem dar aqueles que se consagram ao Senhor. Depois há a sua facilidade no trato com os jovens, fruto da sua pessoa, mas também dom de Deus, aprimorado nos anos em que esteve nos Legionários e no Brasil. De facto, como disse uma jovem da paróquia de Tremês, da Diocese de Santarém, que deu catequese com o Ramom no último ano a jovens que se prepararam para o Crisma, estes «beneficiaram do seu empenho em mostrar-lhes a Igreja fantástica que temos e o papel dos jovens nesta mesma Igreja.» Aliás, penso que o percurso vocacional do Ramom, desde a escuta do chamamento de Deus e do seu seguimento até encontrar o seu lugar na Igreja, podem ser uma grande ajuda no ministério de pastor junto do Povo de Deus, sobretudo dos mais jovens, ou que por vezes tardam em encontrar a sua vocação.

Penso ainda que de entre as qualidades do Ramom que podem ser um grande contributo para edificação da Igreja de Santarém são a sua capacidade de criar comunhão entre os irmãos.

Para além disto, o Ramom é um homem alegre, geralmente bem-disposto, sendo fácil encontrá-lo a sorrir ou cantarolar sozinho no corredor. Tem a capacidade de "fazer" conversa facilmente com aqueles que encontra, seja numa refeição, seja num encontro casual. Vive a sua oração como encontro pessoal com Cristo. É muito saliente nele a dimensão do serviço e da disponibilidade para servir, e também a disponibilidade para acolher ou auxiliar quem o procura, atitudes de quem, à imagem de Cristo Bom pastor, está para dar a sua vida e não para viver para si mesmo.

Miguel Ângelo Ferreira



Fábio Ferreira

Aos vinte e três dias de Janeiro de 1988, nasceu na Freguesia do Jardim da Serra, Câmara de Lobos, o Fábio Rodrigues Ferreira, tendo sido baptizado na paróquia de São Tiago Menor, Diocese do Funchal.

Educado no seio de uma família católica, aprendeu a rezar o terço e a fazer as suas orações à noite, a ir à Eucaristia aos domingos e a agradecer a Deus todos os benefícios recebidos.

Desde tenra idade, o Fábio sentia o desafio de se empenhar ao serviço da Igreja nas pequenas coisas... foi crescendo e pouco a pouco, foi-se delineando a sua caminhada de cristão, até que um dia decidiu entrar no Seminário. Mas para conhecermos melhor a sua vocação, apresentamos aqui um breve resumo da história da sua vida:

Frequentando o 6º ano de catequese, participava já activamente na paróquia através do serviço de acólitos, o que lhe dava grande satisfação. Assim, era comum participar na missa dominical e esse serviço foi suscitando nele um ardor de querer conhecer Deus mais de perto...

Conta-nos o Fábio que tendo sido interpelado certo dia pelo Senhor Dom Teodoro de Faria, então Bispo do Funchal, e mais tarde pelo Cónego Carlos Nunes decidiu entrar no Seminário. Então, apenas com dezasseis anos de idade, em Outubro de 2003, entrou no Seminário Maior de Nossa Senhora de Fátima, da Diocese do Funchal. Esta decisão levou-o a fazer, com a ajuda dos formadores, um percurso interior de aprofundamento daquele desejo de conhecer Jesus Cristo, a fim de poder anunciá-l'O aos outros, pela sua entrega no sacerdócio.

Após ter concluído os estudos de Filosofia, o Fábio passa a uma nova etapa na sua vida. Abandona as paisagens e o ambiente do Arquipélago da Madeira, para continuar os estudos de Teologia na

Universidade Católica, em Lisboa. Deste modo, chega com os seus colegas ao Seminário Maior de Cristo Rei no ano de 2008.

No seu percurso de formação, foram naturalmente marcantes as paróquias de pastoral que o acolheram, permitindo o amadurecimento desta escolha e entrega ao Senhor e respondendo também às etapas de formação propostas pelo Seminário. Deste modo, percorreu diversas Paróquias: Nossa Senhora da Graça (Funchal), São Gonçalo (Funchal), S. Eugénio (Bairro da Encarnação - Lisboa) e, finalmente, a Paróquia de Nossa Senhora da Purificação, Oeiras (Lisboa). Nelas, pôde vivenciar e partilhar estas experiências pastorais com diversos colegas de Seminário.

Que poderei dizer acerca do Fábio? Nestes dois anos de maior proximidade com ele, pude constatar que tem um forte ardor pelo serviço à Igreja. Verifiquei a sua grande generosidade e entrega às actividades da paróquia, nomeadamente aos escuteiros, bem como a todos os outros serviços que lhe estavam confiados. Outras características relevantes da personalidade do Fábio são a simpatia, a simplicidade, a humildade, a amabilidade... com elas, sabe criar um excelente relacionamento com as pessoas, quer no Seminário, quer nas actividades pastorais! No entanto, não se tratando da biografia de um santo canonizado, refiro também alguns pormenores menos positivos da sua personalidade, tais como a distracção frequente, a falta de pontualidade, a ocultação em alguns momentos... A início, constatei também alguns amuos, mas sempre vi nele a capacidade de recomeçar.

Finalmente, sublinho a etapa que transformou a vida do Fábio, com o compromisso de uma entrega a Deus e à Igreja: a Ordenação

Diaconal em 18 de Dezembro de 2011. Diz-nos o próprio que é uma verdadeira graça que o Senhor concede àqueles que chamou para a nobre missão de anunciar o Evangelho, tornando Cristo presente no mundo. E pelo dom do sacerdócio ministerial, que receberá no futuro, ele actuará na pessoa do próprio Cristo, sobretudo na celebração da Eucaristia, mas também no cuidado pelas ovelhas, as que pertencem ao redil e as que andam tresmalhadas, a fim de as trazer de volta à Igreja.

Fábio, que o Senhor queira consumar o bem que em ti começou, e que Nossa Senhora te cubra com o Seu manto maternal!

Victor Cardoso



Fernando Santos

Foi-me solicitado um testemunho sobre o Fernando Santos, seminarista finalista deste Seminário Maior de Cristo Rei do Patriarcado de Lisboa. Perdoe-me o próprio e perdoem-me os leitores mas não sou dotado para a escrita. Tentarei ser objectivo, mas acima de tudo a "verdade na caridade".

Conheço o Fernando há mais ou menos quatro anos, partilhando a vida comunitária no Seminário e na Comunidade Emanuel, da qual somos membros. Posso testemunhar da sua vida no Espírito; a caridade fraterna, a sua inteligência viva e a sua vontade ao serviço de Deus e da Igreja, mas também dos combates, sempre presentes na vida do discípulo de Cristo.

Os dons e carismas que o Senhor lhe concedeu, sempre os utilizou para a edificação da comunidade, através dos serviços que Deus lhe confiou no Seminário, na sua atenção à vida do seminário e aos irmãos, e acredito que também nas diversas paróquias onde realizou os estágios pastorais: S. Jorge de Arroios (2007/2009); Milherado-Gradil-Vila Franca do Rosário (2009/2011); Nossa Senhora de Fátima (2011/2012).

O Fernando Santos nasceu no dia 10 de Agosto de 1982, na Paróquia de Oliveira de Frades, Diocese de Viseu. Com três meses renasceu nas águas do Baptismo e a Igreja Católica ganhou um novo membro em Cristo.

Aos vinte e um anos entrou para o Seminário, fazendo o Ano Propedêutico na Bélgica (Namur), depois de ter frequentado durante dois anos (2000-2002) o curso de Bioquímica na Universidade de Coimbra, e de ter feito um ano de Escola Internacional de Missão, em Fátima, com a Comunidade Emanuel.

Os momentos mais importantes da sua caminhada de discernimento vocacional, segundo testemunho do próprio, foram:

1. Convívio Fraterno em Santarém, de 19 a 22 de Abril de 2001, pelo qual regressou à prática cristã, que tinha abandonado na adolescência. «Encontro de descoberta do amor de Deus por mim, apesar da questão vocacional não ter sido suscitada na altura», refere ele;

2. Descoberta da Comunidade Emanuel em Coimbra em Novembro de 2001, na qual foi aprendendo a viver a fé cristã no dia-a-dia. No ano 2002/2003 fez a Escola Internacional de Missão em Fátima (vocacionada para leigos empenhados na Nova Evangelização). A questão vocacional surgiu durante este ano, tendo iniciado um discernimento em ordem à vocação sacerdotal. Em 2003/2004 faz o ano propedêutico com a Comunidade Emanuel em Namur, Bélgica. No final do ano percebeu que o Senhor o chamava ao Sacerdócio e iniciou o Seminário nesse sentido.

Salientam-se ainda três momentos importantes na sua caminhada de Seminário. São eles:

1. Os doze dias de exercícios espirituais em Maio de 2004, durante o ano propedêutico. «Durante esses dias descobri que os obstáculos que experimentava relativamente à vocação sacerdotal eram, no fundo, falsos obstáculos, o que me permitiu avançar com segurança para o Seminário. No mesmo retiro apercebi-me do lugar central da Eucaristia não só na vida cristã, mas também na minha vocação ao sacerdócio», refere o finalista;

2. O ano 2006/2007 durante o qual trabalhou no Centro Social da Paróquia de S. Jorge de Arroios, em que a experiência do mundo do trabalho e da pastoral sócio-caritativa se abriram às enormes necessidades materiais e sobretudo espirituais dos homens e mulheres de hoje. Foi um ano de grande crescimento humano que lhe permitiu encarar de modo mais realista os estudos de Teologia que começou no ano seguinte no Seminário dos Olivais;

3. O compromisso de membro na Comunidade Emanuel, em Maio de 2008, momento em que compreendeu que não estava só na sua caminhada, mas que o Senhor lhe dava os irmãos e irmãs da Comunidade Emanuel para "compartilhar as dificuldades, como bom soldado de Cristo Jesus" (2Tm 2,3).

Acredito que o Fernando porá ao serviço do Evangelho, da Igreja, da comunidade que lhe será confiada, e de uma nova evangelização as qualidades humanas e sobrenaturais que Deus já lhe concedeu, sendo que algumas tenho a graça de testemunhar, e todas as outras que o Senhor lhe concederá através do ministério que lhe confiará por meio da Igreja,

Meu irmão, peço ao Senhor que lhe sejas fiel em tudo: no sacerdócio, mas especialmente aos carismas da Comunidade Emanuel. E ao seu fundador, e à família que o Senhor nos deu para crescermos em santidade e renovarmos a Sua Igreja.

Em união de oração,

João Paulo Amaro



Paulo Silva

Paulo Sérgio Cunha da Silva, da paróquia de São Francisco Xavier (diocese do Funchal) nasceu a 3 de Agosto de 1987, tendo sido baptizado três meses depois, a 17 de Outubro de 1987.

No ano 2002, com 15 anos de idade, sente que o Senhor o chama ao sacerdócio e entra para o Seminário. Nessa altura, o Paulo era acólito

na sua paróquia, e isso foi importante como ponto de partida para o seu discernimento vocacional, assim como o foram também os encontros do pré-seminário que frequentava. Segundo ele próprio testemunha, foi a partir do acompanhamento próximo e do testemunho do seu pároco, que começou a colocar mais seriamente a possibilidade de vir a ser padre.

Da formação que recebeu no Seminário, destaca a vida comunitária com colegas mais velhos que o ajudaram a aprofundar a fé e a amar cada vez mais Jesus Cristo; o estudo da Teologia, onde aprendeu a ter maior responsabilidade e ao mesmo tempo a tomar uma maior consciência do seu caminho; e a sua entrada no Seminário Maior de Cristo Rei, onde a sua resposta ao Senhor se torna cada vez mais consciente e amadurecida.

Ao longo de toda a sua caminhada, o Paulo teve várias experiências pastorais. Primeiro, ainda na Diocese do Funchal, na Paróquia de S. Gonçalo e na Pastoral Vocacional. Já nos Olivais, esteve durante dois anos nas paróquias de Santa Maria de Loures, S. Pedro de Lousa e de Santo Estevão das Galés e os últimos dois anos na Paróquia de Nossa Senhora do Carmo no Alto do Lumiar, onde também tem exercido o Diaconado.

O Paulo vê a Igreja como lugar e experiência de salvação, onde Deus, por meio do seu Filho, nos chama a acolher e a viver a mensagem da Boa-nova, e em que nos é oferecido um caminho diário de santidade e uma proposta concreta para viver já a vida eterna. Considera que tem como missão o anúncio de Cristo vivo, principalmente este tempo em

que tanto se fala de Nova Evangelização, e que o sacerdote tem que ser um anunciador fervoroso do Evangelho, para que possa chegar a todos os homens e mulheres.

Quem conhece o Paulo sabe que, apesar da sua aparência um tanto vaidosa, é um homem humilde e apaixonado pelo anúncio da boa-nova. Não se cansa de repetir "Deus é Amor" (com sotaque madeirense e um acento grave no 'A'), e todos aqueles com quem se cruza vêem com que alegria fala de Jesus Cristo. Por detrás da aparente impulsividade esconde-se uma profunda docilidade ao sopro do Espírito e um intenso zelo pela salvação das almas. O Paulo aceita perder a vida para que outros possam acolher a mensagem evangélica, e por isso é frequente vê-lo empolgado e envolvido nas actividades pastorais, sobretudo na formação teológica e catequética e em pregações de retiros e afins. Assim se vai moldando nele o coração de Bom Pastor ajudado também por uma vida 'regrada' de oração e de fidelidade às acções litúrgicas e comunitárias.

É um rapaz despachado e dedicado às tarefas que lhe são atribuídas, como já comprovamos de várias formas, no Seminário (nomeadamente pelo seu desempenho na função de responsável pela sacristia e pelo facto de ter sido o primeiro a entregar a dissertação de final de curso).

Paulo: que a tua configuração com Cristo Sacerdote dê fruto abundante para maior glória de Deus e para a renovação da Igreja.

Joaquim Loureiro



Pedro Nóbrega

Pedro Filipe de Góis Nóbrega, finalista madeirense, nasceu a 19 de Maio de 1987 na cidade do Funchal, residindo na freguesia da Camacha. Recebeu o Baptismo a 29 de Agosto do mesmo ano, tendo entrado no Seminário a 30 de Setembro de 2001 com 14 anos. Antes

da sua entrada no Seminário, o Pedro estudava e era já acólito na sua paróquia há alguns anos.

Acerca dos factores mais importantes no seu caminho de discernimento vocacional, o Pedro sublinha o cuidado e até a persistência da sua mãe em levá-lo à missa dominical. Destaca ainda a importância do testemunho de alguns padres e colegas, bem como a vida de oração que pôde cultivar no Seminário.

Três momentos importantes o confirmaram na sua vocação de entrega ao Senhor. O primeiro foi a sua reentrada no Seminário após um período de afastamento que o ajudou a percorrer o caminho de um modo mais claro e decidido. Em segundo, a sua instituição no ministério de Acólito no ano lectivo de 2010-2011. Este momento foi especialmente marcante para o Pedro, pois encontrou-o numa fase de grandes dúvidas e angústias. Porém, a graça de Deus foi mais forte, e a instituição acabou por consolidar o caminho já percorrido. Por fim, o Pedro destaca a sua ordenação diaconal. Para ele, é uma enorme alegria ver-se como "eleito de Deus e fazer parte dos Seus ministros".

Ao longo do seu percurso de formação, o Pedro fez estágio pastoral em diversos locais. Entre eles o Pré-Seminário e a Pastoral Vocacional da Diocese do Funchal, o Pré-Seminário de Lisboa, e as Paróquias de Algueirão-Mem Martins-Mercês e de Benfica, encontrando-se nesta última a colaborar como Diácono.

Estes anos de formação levam-no a considerar, na missão da Igreja, a aposta numa evangelização renovada, de modo particular nos

sectores da família, da juventude e dos Sacramentos. Crê ainda "ser fundamental uma preparação sólida para que os cristãos aceitem aquilo que é a novidade da graça que é viver enraizado em Cristo". Reforça que "é necessária uma contínua exortação à santidade, e a presença dos sacerdotes nos confessionários".

Partilho a vida comunitária com o Pedro há 3 anos. Durante este tempo, o Pedro sempre foi um rapaz muito alegre, capaz de ir ao encontro dos outros e contagiá-los com a sua alegria. Mais ainda, sempre mostrou que essa alegria vem do seu seguimento de Cristo, sem nunca ocultar, como disse, as dificuldades por que passou. Na verdade, diante delas, vi o Pedro muitas vezes resignar-se, não à maneira simplesmente humana, mas segundo o espírito do discípulo que aceita as contrariedades do caminho como sinal de amor ao Senhor.

Neste sentido, penso que a sua principal característica para o serviço à Igreja como sacerdote é este desejo de ser discípulo. Além disso, manifesta uma grande capacidade de se aproximar dos outros oferecendo-lhes o seu testemunho de vida com o Senhor.

Paulo Pires



Rui Silva

O Diácono Rui Daniel Fernandes da Silva nasceu a 19 de Outubro de 1988, na bela vila da Calheta, uma das mais antigas paróquias da diocese do Funchal, tendo sido baptizado no dia 23 de Janeiro do ano seguinte. Rapaz alegre e brincalhão, cedo se sentiu interpelado a viver a fé transmitida pelos seus pais. Na Paróquia do Espírito Santo da

Calheta foi acólito e ajudava nas festas antes de entrar para o Seminário menor com treze anos. O Rui trocou as brincadeiras com os amigos, os mergulhos no mar da Calheta, as corridas em carros de rolamentos, e o Hóquei em patins (que jogava no Estrela da Calheta F. C.) para seguir a interpelação que o Senhor por intermédio do seu Pároco lhe colocou no coração. Ao longo dos dez anos seguintes foi escutando o chamamento do Senhor e consolidando a sua resposta. Refere ele como momentos marcantes da sua caminhada «O convite do meu pároco de então para ir ao pré-seminário; o exemplo de alguns sacerdotes que entretanto conheci; as ordenações, como um momento de entrega total ao Senhor; o apoio e oração da minha família e comunidade paroquial; as conversas com o director espiritual, e trabalhar pastoralmente no pré-seminário, que me ajudou a olhar com maior profundidade para a minha caminhada.»

O seu percurso formativo está reapartido assim: 6 anos no Seminário do Funchal, onde fez o secundário e os dois anos de estudo da filosofia, e quatro anos no Seminário de Cristo Rei dos Olivais. Concluiu os estudos teológicos na Universidade Católica Portuguesa, apresentando uma tese sobre "o conceito de irmão nos escritos de São Paulo". Ao longo destes anos realizou também trabalho pastoral nas Paróquias do Livramento e de São Gonçalo na Diocese do Funchal, a par do Pré-Seminário, e nas Paróquias de Nossa Senhora do Amparo de Benfica e de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos – Ramada, no Patriarcado de Lisboa.

Ao longo destes quatro anos em Lisboa, tive a possibilidade de o conhecer e de com ele caminhar e crescer. Homem de sorriso fácil e

franco, conheci-o no primeiro dia de aulas na Universidade Católica em Lisboa, onde ambos ingressávamos pela primeira vez, eu para o primeiro ano, ele para o terceiro. Quando fui para o Seminário dos Olivais tive a possibilidade de o conhecer mais de perto, até por estarmos ambos a trabalhar na mesma paróquia de Pastoral. Nos dois anos em que convivemos de mais próximo tive a possibilidade de ver a sua entrega ao serviço da comunidade enquanto refeitoreiro, onde manifestou o seu zelo pelo serviço e cuidado pelos outros neste serviço tão central na vida da comunidade. Pude também admirar a sua capacidade de organização no desempenho de secretário do Ano Pastoral. No trabalho pastoral na paróquia da Ramada, o diácono Rui tem estado ligado aos escuteiros, e também à preparação para o Baptismo, onde tem desenvolvido as qualidades fundamentais para a função sagrada que se prepara para exercer, pela oração, pelo o cuidado e zelo pelos outros, pela disponibilidade para servir.

Nestes dez anos de caminhada tem crescido na entrega à Igreja e ao serviço de Deus no cuidado e na relação com aqueles que com ele convivem. Refere, porém, que o caminho teve altos e baixos, momentos de certeza mas também momentos de dúvida: «Numa época em que andava desanimado e colocava em questão a minha continuidade no Seminário, houve ordenações no Funchal. O Bispo, D. Teodoro, veio cumprimentar-me e perguntou-me: "Vieste buscar forças?" Isto marcou-me porque percebi que também nos momentos de fraqueza o Senhor actua em nosso favor e vem ao nosso encontro».

Disponível para o serviço e para a missão o Diácono Rui não tem medo de pôr mãos à obra nos desafios que lhe são lançados e revela

esse amor à Igreja que brota de Cristo afirmando o seguinte: «Na minha caminhada dvocacional, sempre vi a Igreja como mãe. Nela encontrava e encontro conforto e alegria como uma criança ao colo da sua mãe. Olhando para a missão da Igreja vejo vários desafios. Neste momento sou particularmente sensível a dois: os jovens e o diálogo com a cultura. Os jovens, porque são o futuro da Igreja e, num mundo em crise, é importante dar-lhes especial atenção, dar-lhes Cristo como fonte de felicidade e de esperança. A relação entre a fé e a cultura é também importante porque cada vez mais vemos que se pretende separá-las e acho que como pastores temos também uma grande responsabilidade pela fecunda inserção da Igreja no mundo».

Mário Silva



Salvatore Forte

No dia 5 de Fevereiro de 1968 nascia na cidade de Salerno (Itália) que guarda as relíquias do apóstolo e evangelista São Mateus uma criança que, no dia 21 de Abril desse mesmo ano, foi submersa nas águas do baptismo. Foi-lhe dado um nome profético: Salvatore Forte.

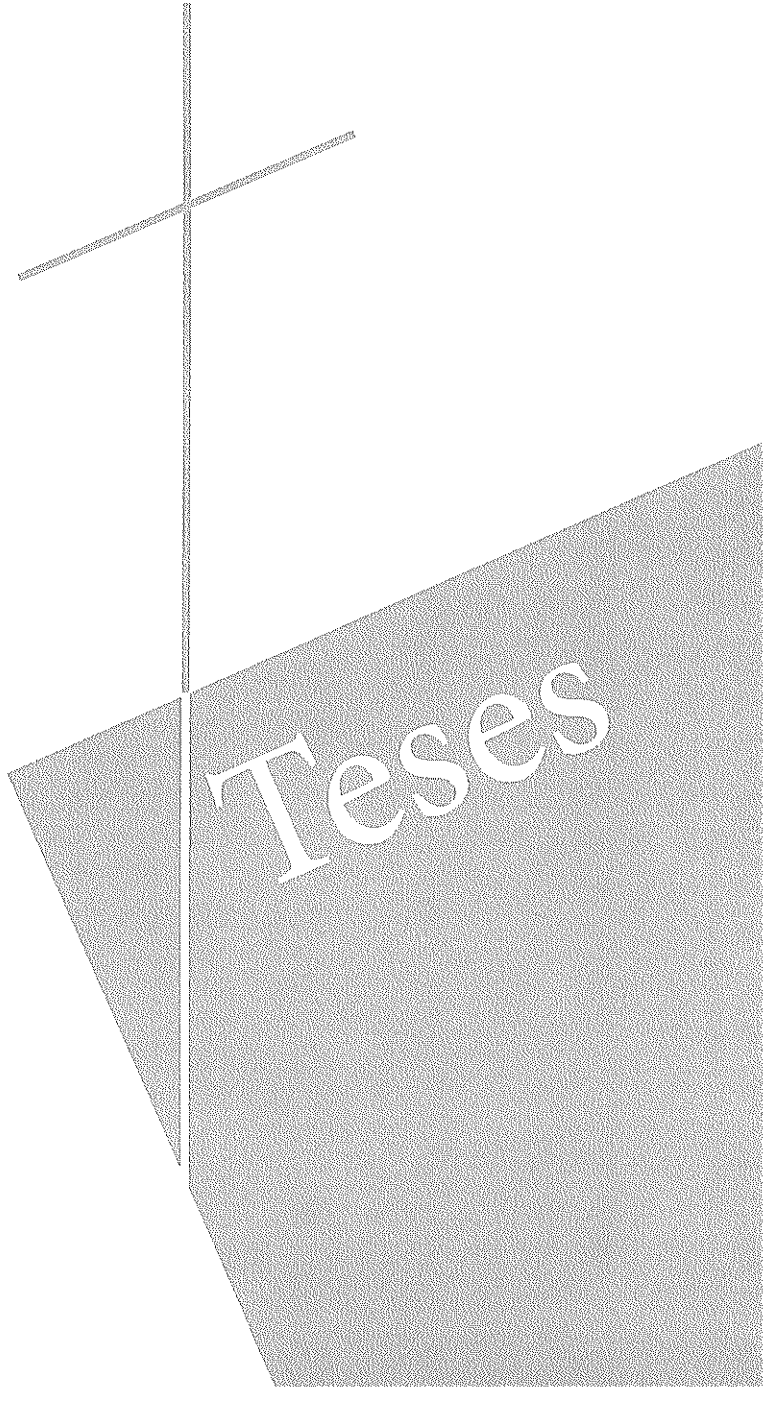
Há sete anos que partilhamos a vida de Seminário, desde Setembro de 2005, e parece que foi ontem que nos encontrámos pela primeira vez. Iniciámos juntos esta travessia pelo deserto, aonde Deus nos chamou para escutar a sua voz no concreto da nossa existência, manifestando-nos a Sua misericórdia, fidelidade e bondade. Talvez fosse este último atributo divino que o Salvatore mais sublinhou nos primeiros anos de Seminário: Deus é bom. Qualquer coisa ou acontecimento servia para assinalar a bondade de Deus. Desde as alegrias por partilhar as tarefas quotidianas, às dificuldades iniciais com a língua e os estudos próprias de quem vem de um país estrangeiro, até mesmo a morte da sua mãe na Páscoa do nosso primeiro ano... tudo era motivo para fazer surgir na sua boca esta afirmação, com o seu característico sotaque, «tuto é bom!».

O Salvatore é um dos trabalhadores que Deus chamou pela hora terceira ou pela hora sexta (Mt 20,1): apesar da sua aparência, já tem 44 anos. Tal como Jacob, toda a sua experiência de vida, de combate, de provação, de experiência da graça sobre os seus pecados, tem servido para reconhecer a sua debilidade, para se agarrar a Deus e até mesmo para "completar o nome": Salvatore, Forte com Deus (Gn 32, 29). Quando inicia uma conversa com ele, não é preciso esperar muito para ouvir falar da alegria que experimentamos por sermos resgatados por Cristo, por esperarmos a realização definitiva da promessa da vida eterna, da vida nova de Deus que começa já aqui, e que passa pela escola da cruz. O seu zelo por anunciar o evangelho, a propósito e a despropósito, de uma forma querigmática e existencial, faz-nos presente que a nossa vocação à santidade não é uma utopia, mas uma realidade que, principalmente nos

tempos que correm, é cada vez mais indispensável apontar e alimentar. A sua alegria e sensibilidade para com todos os que o rodeiam brotam de uma acção contemplativa e de uma contemplação activa que atrai. De facto, ao longo destes anos, muitos de nós nos vimos impelidos pelo seu exemplo a procurar uma relação mais profunda e constante com Cristo.

Perguntaram-me que qualidades vejo nele que possam ser úteis no serviço à Igreja, principalmente em Lisboa, através do ministério que lhe será confiado. O que me veio imediatamente à cabeça foi precisamente a capacidade que Deus lhe dá para pôr em evidência, a dimensão profética do ministério presbiteral que, por vezes, parece esquecida. Espero sinceramente que, por onde ele passe, apareça um manicómio (expressão que ele gosta muito de utilizar), cheio de pessoas loucas da sabedoria de Deus (1Cor 1, 21; 3,18; 4,10), manifestado em Jesus Cristo, no seu Espírito, pessoas que sejam, realmente, sacramento de salvação para muitos homens e mulheres que vivem nas trevas.

Francisco Simões


Teses

A questão do primado do Bispo de Roma no diálogo teológico católico-ortodoxo

Perspectivas eclesiológicas e ecuménicas

David Palatino

«Não será possível que a comunhão real, embora imperfeita, que existe entre todos nós, induza os responsáveis eclesiais e os teólogos a instaurarem comigo, sobre este tema, um diálogo fraterno, paciente, no qual nos possamos ouvir, pondo de lado estéreis polémicas, tendo em mente apenas a vontade de Cristo para a sua Igreja, deixando-nos penetrar do seu grito: «Que todos sejam um (...), para que o mundo creia que Tu me enviaste (Jo 17, 21)?» [1]

A questão do primado do Bispo de Roma no diálogo católico-ortodoxo: foi este o título escolhido para esta dissertação. Ela insere-se no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa e é o resultado final de um trabalho de

[1] IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978 – 2005 (João Paulo II), Carta encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecuménico: AAS 87 (1995), 96.

síntese sobre um tema teológico à escolha. Porque no vasto leque de saber teológico tenho uma especial predilecção pelas áreas da eclesiologia e do ecumenismo, apresentei ao meu orientador, o Professor Doutor Borges de Pinho, o desejo de efectuar a minha investigação e respectiva síntese acerca do ministério petrino, mais concretamente no âmbito do diálogo católico-ortodoxo. Fi-lo por constatar que o ecumenismo é uma das áreas de grande pertinência teológico-existencial e uma das prioridades da Igreja Católica. Dentro da ampla temática ecuménica um dos temas mais fracturantes no diálogo com as outras Igrejas e confissões cristãs é precisamente o papel do Bispo de Roma.

A comunhão plena e real entre todos os membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja, não se inscreve apenas num desejo mais ou menos latente no seio das comunidades eclesiais; ela deriva da vontade expressa do Seu Senhor. A memória da Igreja indivisa do primeiro milénio ecoa ainda como modelo inspirador de um renovado empenho ecuménico neste início do terceiro milénio. Porque o papado é visto como o maior obstáculo desta unidade visível, vários documentos, escritos ou discursos dos Papas têm vindo a insistir e a alertar para a necessidade de encontrar um exercício do primado que seja conciliável com as duas tradições cristãs: a oriental e a ocidental. Dessa consciência surgiu um incremento significativo do diálogo católico-ortodoxo, não só a nível oficial, como a Comissão Mista para o diálogo teológico entre a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas, mas também a um nível menos oficial, ainda que importante, tais como o Comité Misto Católico-ortodoxo de França ou a Consulta Teológica Ortodoxa-católica da América do Norte.

Não obstante a morosidade e a complexidade do diálogo católico-ortodoxo na busca de uma gradual aproximação inter-eclesial, deve-se reconhecer e valorizar os avanços já verificados. A história da Igreja e do próprio trabalho ecuménico mostram como o papel do serviço de Pedro, consubstanciado no ministério papal, não é perspectivado da mesma forma entre a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas. Por isso, o objectivo da minha dissertação é apresentar a questão a partir do diálogo estabelecido ao longo destes últimos anos, tendo também em consideração estudos de autores católicos e ortodoxos acerca deste tema.

Nesse sentido, o trabalho está estruturado em três partes. Num primeiro momento procurei clarificar a posição ortodoxa acerca do ministério do Bispo de Roma, nomeadamente o seu enquadramento eclesiológico e a fundamentação bíblico-teológica que suporta esse enquadramento. Para não alargar demasiado o trabalho e uma vez que se parte das convicções católicas sobre a matéria, achou-se por bem não enveredar pela sistematização da teologia católica do primado, mas mergulhar de forma mais directa e profunda na perspectiva e no pensamento ortodoxos, a fim de obter um horizonte mais preciso no esforço de rasgar caminhos de convergência e comunhão.

O segundo capítulo versa o diálogo oficial católico-ortodoxo sobre o primado, com especial incidência nos documentos já publicados. Neste capítulo procura-se explicitar a evolução verificada ao longo do diálogo teológico já realizado e situar a questão na actualidade, sobretudo a partir do documento de Ravena (2007) e sua recepção, visto que este é o primeiro documento desse diálogo oficial que aborda explicitamente essa questão.

Quanto ao terceiro capítulo, tenta apontar algumas perspectivas de futuro, tendo em conta o rumo que o diálogo tomou neste últimos anos e as possibilidades reais de aproximação teológica e pastoral. A esse nível fazem-se diversas interpelações a católicos e ortodoxos: elas visam essencialmente perceber os limites de ambas as posições e fornecer dados que permitam delinear um horizonte futuro de exercício do primado que seja passível de ser acolhido pelas duas tradições.

Ao longo do trabalho percebeu-se que a teologia ortodoxa não se opõe à ideia de primado; pelo contrário, exige que no âmbito de uma *communio ecclesiarum* haja um *primus* que funcione como moderador, como uma voz privilegiada na condução dos destinos da Igreja. O veemente apelo a uma praxis semelhante à do primeiro milénio manifesta isto mesmo, e convida a olhar o primado do Bispo de Roma enquadrado no âmbito de outras estruturas eclesiais fundantes da eclesiologia ortodoxa, como a sinodalidade ou a Pentarquia. A preocupação dos ortodoxos é fundamentalmente o perigo do esvaziamento do episcopado e da 'secundarização' das Igrejas locais na vida eclesial, uma vez que a exacerbada centralização do poder nas mãos do Papa pode conduzir a uma diminuição do papel dos bispos nas suas Igrejas e a uma relativização da realidade sinodal como instância essencial na vida da Igreja. Daí que a teologia ortodoxa do primado apresente constantemente o primeiro milénio como modelo daquilo que pode ser o exercício do primado na Igreja, de forma particular o ministério do Bispo de Roma enquanto bispo da sede episcopal (neste caso Patriarcado) mais importante no seio da Pentarquia.

É a procura de um modo de exercício do primado capaz de ser acolhido por ambas as tradições que ainda hoje move católicos e ortodoxos na busca da unidade. Os documentos do diálogo oficial permitem ver como há uma preocupação de ir às origens da Igreja e recuperar os fundamentos teológicos, bíblicos e até histórico-culturais que levaram ao reconhecimento do primado do Bispo de Roma. O diálogo iniciou-se com a abordagem dos temas eclesiológicos mais consensuais, nomeadamente a sua relação com a Trindade e os sacramentos. Porém, nestes últimos anos tem vindo a evoluir no sentido de se chegar a um aprofundamento das questões mais fracturantes, sobretudo o entendimento do papel do Bispo de Roma. Aí tem particular relevância o documento de Ravena, já referido, que foi publicado pela Comissão Mista Internacional para o diálogo católico-ortodoxo em 2007. Não se pode dizer propriamente que o documento contenha grandes novidades do ponto de vista teológico ou doutrinal, mas tem o condão de ser um texto elaborado por católicos e ortodoxos e que pela primeira vez abre as portas à possibilidade de um primado exercido a nível universal. Nesse sentido se afirma que, de acordo com a tradição eclesial, tal primado só pode ser atribuído ao Bispo de Roma, o *protos* (primeiro) entre os Patriarcas.

Mas apesar do caminho feito e da continuidade das reuniões e sessões plenárias, que hoje se debruçam sobre o tema do papel do Bispo de Roma no primeiro milénio, permanece a consciência de que o caminho será longo. Autores de ambas as tradições eclesiais têm vindo a envolver-se no estudo e reflexão de várias questões, procurando descobrir caminhos novos que promovam a comunhão entre católicos

e ortodoxos. Os comités e comissões de carácter nacional, como os de França e da América do Norte, não deixam ainda hoje de fazer interpelações profundas a ambas as Igrejas, mostrando como a unidade será possível na medida em que existir uma atmosfera verdadeiramente fraterna e capaz de acolher as diferenças e as tradições que possuem. No fundo, tem-se procurado esclarecer que a distância do Oriente face ao Ocidente (e vice-versa) não se trata apenas de uma questão meramente teológica e de prática eclesial, mas que tem por detrás toda uma história, uma cultura e uma mentalidade que foram tornando difícil o acolhimento de expressões e posições diversas que cada uma julga ser a mais correcta. Por isso, há a consciência de que o conceito de unidade não se pode confundir com o de uniformidade, pelo que a procura da comunhão deve assentar no princípio da 'unidade na diversidade' (que é simultaneamente uma unidade 'necessária e suficiente').

O diálogo do futuro passará pelo aprofundamento destas questões. Na reflexão sobre o papel do Bispo de Roma no primeiro milénio que a Comissão Mista procura fazer na actualidade seria importante aprofundar de forma cuidadosa os factores 'não teológicos' que influem nas consciências de ambos e que constituem um verdadeiro obstáculo ao diálogo, exigindo uma permanente purificação da memória. Também a relação entre primado e estruturas de colegialidade/sinodalidade deve ser tida em conta, motivando católicos e ortodoxos na busca de uma forma (ou formas) de exercício do primado que seja efectivamente sinal da comunhão da Igreja. A esse propósito, requer um esforço árduo a clarificação do dogma da infalibilidade papal. Ainda que não seja um tema abordado neste trabalho, a complexidade da questão justifica

uma aposta séria no futuro, sobretudo na tradução de alguns termos de índole jurídica para uma linguagem mais conforme a ambas as tradições. Devido à sua associação ao primado de jurisdição, a questão da infalibilidade acaba por ser relativizada por parte dos ortodoxos; no entanto, a teologia ortodoxa, ao postular uma doutrina da infalibilidade da Igreja, poderia reconhecer «alguma afinidade elementar na possível consideração do problema»[2]. Mas o seu enquadramento, como se deduz de toda a teologia ortodoxa do primado, teria que estar forçosamente na relação entre o ministério episcopal e o *sensus fidei fidelium*[3].

Por fim, é meu desejo que esta pequena dissertação constitua um pequeno contributo que ajude a promover e fomentar um espírito verdadeiramente ecuménico, que, por amor a Cristo e à Igreja, se torna cada vez mais indispensável. De facto, cada cristão é hoje interpelado, como membro consciente da Igreja, e dentro das suas possibilidades, a contribuir para que o ministério do Bispo de Roma venha a ser reconhecido por uns e por outros, como era da vontade de João Paulo II[4].

David Palatino

---

[2] Cf. PINHO, J. E. B. de, O ministério de Pedro como problema ecuménico, in Didaskalia 19 (1989) 149.

[3] Daí que alguns autores falem da necessidade de uma «re-recepção» do Concílio Vaticano I, para perceber a validade, perenidade e sentido dos dogmas formulados. Uma boa reflexão sobre a temática da recepção na perspectiva ortodoxa pode encontrar-se em PINHO, J. E. B. de, A recepção como realidade eclesial e tarefa ecuménica, Edições Didaskalia, Lisboa, 1994, 75-81.

[4] Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978 – 2005 (João Paulo II), Carta encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecuménico: AAS 87 (1995), 95.

Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42

Fábio Ferreira

O título do meu estudo – *Do exterior para o interior: o tema da hospitalidade à luz do relato lucano Lc 10, 38-42* – desloca-nos do nosso comodismo ou da nossa instabilidade e coloca-nos a fazer o caminho de um peregrino e de um hóspede, que carece de uma praça, de uma casa ou de uma mesa que nos acolha. Iniciado em 2010, este estudo, inserido no campo da exegese bíblica e sob a orientação do Padre Professor Doutor José Tolentino Calaça de Mendonça, constitui a minha dissertação final do Mestrado Integrado em Teologia da Universidade Católica Portuguesa.

No meu estudo fui desafiado a descobrir a hospitalidade, que faz parte da estratégia do Evangelho lucano, especificamente do relato de Lc 10, 38-42, e que constitui uma matriz comum transversal à cultura grega, judaica e cristã. Lucas apresenta-nos uma conclusão desconcertante,

que pode pôr em causa as mais elementares regras da hospitalidade da cultura clássica e judaica. O leitor não se pode limitar a uma conclusão minimalista de uma afirmação do desejo espiritual, escolhido por Maria, em detrimento do apostolado activo e visível no serviço de Marta.

Inúmeros relatos de hospitalidade, que constituem um género literário, apresentam-se com um esquema de grande simplicidade e eficácia: entra o hóspede num determinado contexto (na cidade, na praça, na tenda ou na casa), praticam-se os ritos de acolhimento (alimentação, lava-pés, repouso e protecção), e, por fim, estabelece-se um pacto entre quem recebe e o hóspede que chega.

Na cultura clássica, o Homem é definido como um ser político, ou seja, que (con)vive na *polis* com outros. Esta sociabilidade instaura a dramática do encontro e do reconhecimento, onde o tópico do acolhimento se torna central. Nas narrativas homéricas, a hospitalidade não se compreende como um mero acto de reciprocidade de um humano ou de um deus, mas sublinha-se o dom da história que o hóspede traz consigo, que fomentam laços fraternos e perenes com o anfitrião:

> *«Mas anda, ancião; vamos agora para o casebre,*
> *Para depois satisfazeres o desejo da comida e bebida*
> *Me mostrares donde és e as desgraças que sofreste.*
> *Assim falando conduziu-o ao casebre o divino porqueiro,*
> *fê-lo sentar, espalhando espessa caruma no chão*
> *e por cima a pele de uma cabra selvagem e lanzuda,*
> *em que dormia, grande e peluda;*
> *e Ulisses alegrou-se pelo modo como fora recebido.»*
> (HOMERO, *Odisseia*, Canto XIV, 45-48)

Na História de Israel, Deus faz uma aliança eterna com o povo, convidando-o a ser um hóspede, isto é, alguém que é acolhido por Deus como um filho e que necessita de protecção, de sustento e de carinho. Deus, o anfitrião, prepara um grande banquete no deserto para acolher este povo e formar com Ele um pacto ou uma Aliança eterna. É notável os vários textos sobre a hospitalidade que remetem para o campo divino, como por exemplo a figura de Abraão (Gn 18), grande modelo tradicional de hospitalidade do Judaísmo, que se digna acolher três misteriosos homens e que posteriormente a tradição cristã reconhece como sendo manifestação da Santíssima Trindade.

Muito mais do que o gesto formal de abrigar, alimentar ou proteger alguém, a hospitalidade, inserida no campo étnico, complexifica-se quando o mais essencial é criar vínculos de proximidade e de protecção entre o anfitrião e o hóspede, que não pertence à sua família, ao seu povo e ao seu país ou até mesmo à sua condição social. Para acontecer a reciprocidade, o anfitrião não pode classificar a pessoa, que se aproxima da sua cidade ou da sua casa, como um inimigo ou um forasteiro, mas sim como um convidado ou um hóspede. Podemos dizer que a atenção e o cuidado pelo outro, especialmente para com o hóspede, estarão no âmago da revelação bíblica, vetero e neotestamentária. Para o Cristianismo, o sucesso da pregação do Evangelho depende fortemente da forma como os discípulos são acolhidos pelas comunidades (Mt 10, 40; Lc 10, 5s; Jo 13, 20). A comunidade das origens, concretamente a figura de Paulo, bebendo das fontes do Evangelho, constrói-se do lado da hospitalidade.

Enquadrando Lc 10, 38-42 na grande macro-narrativa de Lc 9, 51 – 19, 28, verifica-se que Jesus é um peregrino que caminha até Jerusalém, assumindo o papel de um hóspede. Lucas, autor literário e companheiro de viagem, introduz o leitor no grupo dos discípulos de Jesus, que pela observância e pela escuta devem moldar o seu apostolado. Limitando a nossa viagem a Lc 9, 51 – 10, 42, torna-se relevante analisar cada «fio» que compõe esta grande teia. Perante a hostilidade dos samaritanos, as cidades, os lugares onde Jesus passou e o espaço da casa são os lugares privilegiados onde este dom da reciprocidade acontece para os discípulos, os Doze e o próprio Jesus.

Na microestrutura Lc 10, 25-42, material peculiar da fonte «L», Jesus inicia um caminho que parte do exterior da Lei para o interior de uma nova Lei. Desta forma, Jesus aponta o caminho do verdadeiro discípulo que parte da escuta para o amor ao próximo e do amor ao próximo para o amor a Deus.

Num confronto do relato lucano com o Evangelho de João, vários elementos se cruzam: personagens, lugares, atitudes, etc. Porém, Lucas destaca-se pela sua originalidade, autonomia, unidade e grandiosidade da pequena perícope de Lc 10, 38-42, pois é integrada na continuidade da narrativa de viagem iniciada em Lc 9, 51. Ao estabelecer o lugar da perícope no Evangelho, o leitor consegue com facilidade constatar a sua continuidade com a sequência narrativa que tem no centro a formação dos discípulos de Jesus durante a viagem a Jerusalém.

Depois de uma longa jornada, Jesus entra dentro de um povoado. Ele assume o papel de hóspede, de visitante. Jesus é Alguém que vem de

fora e entra numa casa familiar, dos Seus amigos: Lázaro e as suas irmãs (Jo 11, 5). Dentro da casa que O acolhe, temos duas mulheres que são irmãs e que entram em relação com Ele.

Não caindo numa oposição entre as duas personagens femininas do relato, o leitor é convidado a formar-se como um discípulo que acolhe o Senhor por meio de uma escuta atenta e de um serviço generoso. Tendo por base uma dialéctica narrativa, o narrador apresenta-nos, pela primeira vez, Marta e Maria. A presença destas mulheres constitui um facto insólito porque Jesus, um homem, entra numa casa onde estão duas mulheres e com elas constrói uma história, uma breve história de iniciação ao modo de como ser discípulo. O Evangelho de Lucas está repleto de mulheres que caminham, que ouvem Jesus, que colaboram e que abrem a porta para abraçar a imensidão do Reino de Deus. Jesus, diferentemente dos rabinos do seu tempo, introduz um novo paradigma, pois cria uma relação de Senhor e discípulo com as mulheres. Entrar na casa destas duas irmãs é entrar dentro desta relação que Jesus inaugura.

A personagem de Maria, aos pés de Jesus, pratica gestos de hospitalidade e de bom acolhimento ao hóspede que chega, através de uma escuta atenta. Maria não ousa falar, antes se expressa pelo local onde se coloca (pés de Jesus); pela posição do corpo (sentada); pela expressão do rosto (fita nos olhos de Jesus e semelhante a alguém que escuta). «*Aos pés de...*» é característica de um discípulo (varão) a escutar o seu mestre. Todavia, a posição de Maria tem o seu quê de inesperado e pode estar na origem da relação com Marta. Ela configura a proibida e interdita imagem de uma discípula (mulher) aos pés de Jesus. Aquilo

que uma mulher não podia fazer segundo a *Torah*, é o que Maria faz aos pés do Mestre. Maria, sentada aos pés de Jesus, procura estabelecer uma intimidade, procura saciar a sua curiosidade, deseja aproximar-se fisicamente de Jesus, procura fitar os ouvidos nas Suas palavras que saciam o desejo de infinito e, acima de tudo, procura entrar no grupo dos discípulos de Jesus.

Marta, por sua vez, de pé e muito ocupada pelos serviços de hospitalidade, introduz um movimento na narrativa. Com os muitos afazeres, anda de um lado para o outro a preparar a casa para que Aquele que chega se sinta bem. Ela é a mulher da iniciativa, que resolve os problemas, que acolhe, que repreende a irmã e que ousa questionar o hóspede. No meio disto, observa a sua irmã sentada aos pés de Jesus. Ao deparar-se com esta imagem irregular, espanta-se e procura demover a sua irmã para que esta se coloque de pé e a ajude no muito serviço, privilegiando assim o gesto da hospitalidade em servir uma boa refeição.

Diante de uma perícope sem respostas, faltam pormenores, conversas, informações, etc... O narrador cria um espaço para o leitor, espaço que deve ser preenchido com a escuta do silêncio textual e pela resposta de Jesus: «*Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas, mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada*» (Lc 10, 41-42). Qual é a coisa necessária? O que é que não será retirado? Quais são as inquietações e perturbações de Marta? Desta forma, esta resposta de Jesus abre-nos ao desejo de saber qual é a única coisa necessária para nós.

O silêncio de Jesus rasga-se e reprende Marta, que andava muito agitada e distraída com muitas coisas. Nesta interacção com Marta, Jesus sublinha a escuta atenta daquele que vem de fora e que tem o rosto de um Hóspede. Por outras palavras, a hospitalidade não se escreve na ordem da troca ou do merecimento, mas na gratuidade e no gosto pelo encontro, que exige um estar, um sentar, um olhar despreocupado, um silêncio interior, um escutar e uma escolha da parte boa.

Evitando toda a distracção, preocupação, ansiedade e inquietação, o caminho do discípulo é um caminho de descoberta da Palavra. Desta forma, o objectivo do discípulo consiste em centrar a sua vida na escuta e no anúncio do Reino de Deus. Daí, a exortação de Jesus de escolher uma só coisa, isto é, a valorização da presença do hóspede que é portador da Boa Nova do Reino de Deus. Esta, certamente, constitui a parte boa pela qual se deve escolher.

Em suma, o relato de Marta e Maria relata a história de Jesus, no qual Jesus se manifesta ao leitor e este, escutando e servindo-o, procura acolhe-l'O no íntimo da sua casa. Caminhar do exterior para o interior, do simbolismo à realidade, da palavra ao gesto, é um convite a entrar no mistério do próprio Deus, que em Jesus se revela no rosto de um hóspede.

Fábio Ferreira

D. António Manuel Pereira Ribeiro, bispo do Funchal (1915-1957)

Igreja e sociedade nos inícios do século XX no Funchal

Paulo Silva

O trabalho final do Curso de Mestrado Integrado em Teologia que apresentei baseia-se no estudo da Igreja e sociedade nos inícios do século XX no Funchal, focando uma figura especial, o bispo D. António Manuel Pereira Ribeiro, que esteve durante quarenta e dois anos à frente da diocese do Funchal.

A escolha partiu de algumas interpelações do actual bispo da diocese do Funchal, D. António José Cavaco Carrilho, que me sugeriu estudar uma figura que tivesse tido um papel fundamental na diocese do Funchal no século passado, uma vez que poderia ser benéfico trazer à memória do povo madeirense, neste período de celebração dos quinhentos anos da diocese, insignes figuras do passado.

Este trabalho, com o título *D. António Manuel Pereira Ribeiro, bispo do Funchal (1915-1957). Igreja e sociedade nos inícios do século XX no Funchal,* divide-se em três capítulos, realçando o estudo da Igreja e sociedade nos inícios do século XX no Funchal. Não foca apenas a figura especial, o bispo D. António Manuel Pereira Ribeiro, que esteve durante quarenta e dois anos à frente da diocese do Funchal, mas também o estudo da pastoral realizada em todo o seu episcopado.

No primeiro capítulo, intitulado *Itinerário Histórico*, foquei a personagem de D. António Pereira Ribeiro, desde a sua infância até ao seu episcopado, tendo em conta o seu percurso; a sua acção como vigário capitular; Pio X como papa de referência; o contexto da sua nomeação episcopal; a entrada na diocese e a carta programática.

D. António Manuel Pereira Ribeiro nasceu a 16 de Fevereiro de 1879, na paróquia de Santo André, freguesia de Friande, concelho da Póvoa de Lanhoso, distrito de Braga. Em Outubro de 1889 é matriculado no colégio de S. Fiel, onde frequentou e realizou o curso preparatório durante seis anos, ministrado por Jesuítas. Em Outubro de 1895, matriculou-se no primeiro ano da Faculdade de Teologia na Universidade de Coimbra, onde viria concluir a sua formatura a 15 de Junho de 1900. No ano de 1897, recebe as ordens menores, com o intuito de receber as ordens maiores. Em 1900, não tendo ainda a idade canónica para receber as ordens maiores, dedicou-se ao ensino. Um ano mais tarde, em 1901, foi nomeado professor interino do liceu de Viana do Castelo e no dia 13 de Outubro do mesmo ano, recebe a ordem de presbítero pelas mãos do arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha. Em

Janeiro de 1904 é nomeado vice-reitor e professor de ciências eclesiásticas no Seminário de Bragança. Logo no ano seguinte, foi apresentado em um canonicato vago na sé do Funchal, com a obrigação anexa do ensino das disciplinas eclesiásticas no respectivo seminário diocesano durante dez anos.

A 26 de Outubro de 1911 é eleito vigário capitular da sé do Funchal e quatro anos mais tarde, a 7 de Fevereiro de 1915, é sagrado bispo, tomando posse da diocese do Funchal, com entrada solene, no dia 14 de Março do mesmo ano.

Como *vigário capitular* demonstrou capacidades extraordinárias, sobretudo através da sua fé e piedade, trabalhando corajosamente na diocese no seu campo de acção, sem ruído, sem a menor ostentação, mas porfiadamente e sempre dentro dos limites da mais atilada prudência. As suas iniciativas demonstraram um espírito incansável, que o levou a ter um desejo profundo de incutir o bem moral e intelectual nos fiéis, tendo uma especial atenção pela alma das crianças.

Em 1913, ao estabelecer na diocese o Secretariado da Obra de Entronização do Sagrado Coração de Jesus, apelou a todas as famílias madeirenses e aos párocos para se consagrarem ao Sagrado Coração de Jesus.

Na sua missão como vigário capitular, foi pioneiro: no estabelecimento das confrarias da doutrina cristã nas paróquias, na instituição do sagrado lausperene na cidade do Funchal durante a Quaresma, com pregações diárias, no incremento das conferências de

S. Vicente de Paulo e na fundação da Juventude Católica do Funchal, tendo em conta todos os dinamismos da vida católica criados pelo seu antecessor.

Como bispo revelou-se D. António pessoa de grande carisma e grande coração de pastor, por isso os fiéis prestaram-lhe a devida obediência, vendo nele a figura de um Pai benévolo e atento. Com a *entrada na diocese*, a 7 de Março de 1915, procurou desde logo tecer as considerações fundamentais acerca da missão do bispo, assim como as obrigações, mostrando ter plena consciência que a obra a realizar não seria possível sem o auxílio divino e sem a cooperação de todos os veneráveis irmãos e amados filhos em Jesus Cristo de toda a diocese. Assim, ao elaborar a sua primeira carta programática, não só agradece ao clero e aos fiéis pela fé e piedade como estes o receberam na sua chegada a diocese, como também propõe-se desde logo a uma visita pastoral a toda a diocese, a fim de conhecer a realidade concreta das comunidades.

No segundo ponto, que tem como título "*O panorama da Igreja no Funchal nos inícios do século XX*", procurei realçar: a diocese do Funchal no início do episcopado de D. António; uma sociedade de tradições e devoções, e o bispo e o seu clero.

No início do século XX, a Madeira, não ficando indiferente ao resto de Portugal;,sofreu as consequências da República. Nesse contexto Afonso Costa e o governo republicano extinguem as ordens religiosas. Pouco depois, é promulgada a Lei da Separação da República das Igrejas. A revolução republicana foi acompanhada por ameaças e

acções contra a religião e contra a Igreja; trouxeram para o arquipélago algumas complicações, nomeadamente no que se refere às ordens religiosas, levando ao encerramento de mosteiros e conventos. Com a implantação do regime republicano, a Igreja é espoliada dos seus bens e direitos e o clero, vítima de atentados, é acusado de determinados crimes. Este regime trouxe também algumas dificuldades e alterações para as populações, não só a nível religioso mas também aos níveis social e familiar.

Em 1918, D. António Pereira Ribeiro, juntamente com os seus cooperadores, criou cinco arciprestados, com o objectivo de proteger e zelar por todos os bens da Igreja. Havia a preocupação de refazer o tecido eclesial em termos da sua implementação social, procurando acima de tudo introduzir cada vez mais a novidade do Evangelho na vida cristã.

A sociedade madeirense, na sua grande maioria, era vincada de *tradições* e *devoções*, algo que se nota desde os primeiros descobridores, pois desde então o povo assumiu as exigências espirituais e morais do tempo. A ilha teve um modo muito local de assumir a vida cristã, e durante muitos séculos adoptou um certo sentimentalismo e simbolismo de uma fé vivida mais de coração, do que com a inteligência.

O *bispo* tem como primeira missão ir ao encontro do povo fiel e ser procurador de todos junto de Deus, assim como a missão de ter um olhar mais atento àqueles que são chamados a ser discípulos de Cristo. Neste sentido, D. António procurou ter um olhar atento e um coração de pai para com *todo o seu clero*. Nas suas cartas pastorais e circulares,

teve a preocupação de alertar o clero para uma melhor evangelização do Povo de Deus, sem que estes se esquecessem da sua própria formação.

Por fim, no terceiro ponto, assinalei *as preocupações pastorais*, referindo, sobretudo, uma pastoral de proximidade e exigência; as vocações; as devoções; a centralidade da Quaresma; o correcto enquadramento da música sacra e a atitude orante pelas vítimas da guerra.

Foi no seio das famílias que se foram criando as devoções, as quais deixaram marcas relevantes ao longo dos séculos. A partir dos séculos XVI-XVII, notou-se um incremento de práticas devocionais incentivadas pela Igreja. Muitas das devoções que foram surgindo nestes séculos deram origem a movimentos espirituais e a congregações. No século XVII, aparece uma devoção que será muito marcante, que é a devoção ao Coração de Jesus. Desse movimento devocional não se alheou o bispo D. António como grande devoto do Sagrado Coração de Jesus e também da Virgem Maria, pois na sua vida a piedade era entendida ser fundamental para cultivar uma intimidade com Deus. Neste sentido, em 1924, a 27 de Junho, fez-se de forma solene na catedral a consagração da diocese ao Sagrado Coração de Jesus.

Outra preocupação e atenção de D. António, foi o enquadramento da música sacra. Adoptou providências severas para que em toda a diocese se cumprissem as determinações do Santo Padre Pio X sobre música sacra; e acabou com muitos abusos nesta matéria. Para que se

cumprisse da melhor forma, institui uma comissão e alertou o clero para uma maior sensibilidade, de forma que estes se mostrassem responsáveis em promover a honra de Deus.

Uma vez concluído o itinerário de investigação e elaboração do trabalho, pude constatar que as interpelações constantes de D. António ao povo, com intuitos pastorais, contribuíram para uma maior consciencialização e responsabilidade de vida cristã na diocese. É certo que nos dias de hoje um programa pastoral como o de D. António seria difícil de concretizar, mas o que é certo é que hoje o grande desafio que nos é lançado é de que não podemos alimentar o abandono, a indiferença e o descompromisso cristão. Este trabalho foi um início de reflexão e investigação; contributos ulteriores muito poderão enriquecer a memória histórica da nossa diocese - a diocese do Funchal.

Paulo Silva

O Conceito de «Irmão» no Ministério e Projecto de São Paulo

A Construção das Comunidades sob o Signo Fraterno

Rui Silva

«Sede afectuosos uns para com os outros no amor fraterno;
adiantai-vos uns aos outros na estima mútua»
(Rm 12, 10).

O tema que escolhi para a minha dissertação de mestrado foi "O conceito de irmão em São Paulo". Não foi este o primeiro tema que escolhi. O que escolhi, em primeiro lugar, foi o vocabulário da afectividade paulina, mas depois de um levantamento terminológico deparei-me com uma vasta repetição do vocábulo «irmão», e em conversa com o meu orientador, Pe. Tolentino Mendonça, decidimos enveredar por esta categoria familiar. Sempre quis trabalhar os Escritos Paulinos, mas nunca tinha pensado em trabalhar uma palavra em específico, especialmente esta, que me ajudou a perceber melhor o modo de actuação de Paulo.

Antes de avançar com alguns detalhes da dissertação, vou enunciar a estrutura que segui. A tese conta com três capítulos. No primeiro, intitulado *De que falamos quando falamos de fraternidade*, abordei aquilo que considero ser o pano de fundo de São Paulo. As formas de fraternidade no Mundo Clássico Antigo, a mundividência greco-romana e as formas de fraternidade no Mundo Judaico, numa breve incursão pelo Antigo Testamento. O segundo capítulo, *A morfologia da fraternidade no Novo Testamento*, começa com uma análise geral do vocábulo «irmão» no Novo Testamento e depois passo para uma análise mais pormenorizada desta categoria nas Cartas Proto-Paulinas. *O conceito de irmão e a sua influência em São Paulo* é o título do terceiro capítulo. Neste capítulo falo àcerca da importância que tem o conceito de irmão para a construção das comunidades paulinas e como elas se estruturavam pelo princípio da fraternidade.

O conceito paulino de «irmão»

O termo «irmão» é usado num sentido de «vários laços relacionais onde há algum laço emocional ou social»[1]. No caso paulino, ele designa fundamentalmente o ligame entre o apóstolo e a comunidade e a coesão intracomunitária propriamente dita. De facto, em sentido geral, «irmão» exprime um sentido de pertença, extravasando os vínculos de sangue. Diz um autor que «os grupos locais de Cristãos não só gozavam de um grande nível de coesão e identidade de grupo, mas

[1] HORRELL David G., *From ἀδελφοί to οἶκος Θεοῦ: Social Transformation in Pauline Christianity* in Journal of Biblical Literature, Volume 120, nº 2, 2001, p. 296.

também lhes era mencionado que pertenciam a um movimento mais abrangente»[2]. Sob o signo da afectividade o conceito de irmão ganha um significado mais profundo. Esta nomenclatura afectuosa não é uma mera superficialidade, deve ir mais fundo, atingindo o interior, esse centro vital que é a fonte dos sentimentos, como Paulo diz: «tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5). Em nome deste repto, os cristãos são chamados a ultrapassar barreiras e a caminhar para uma nova ordem social de igualdade.

A noção de «irmão» leva ao desenvolvimento e maturação qualitativa das relações no interior da comunidade. Partindo do modelo afectivo, as comunidades são chamadas a experimentar internamente uma configuração social inédita, baseada na igualdade e na liberdade em Cristo. Na verdade, «a proeminência desta descrição de parentesco parece implicar que Paulo assume e promove a relação entre ele próprio e os seus destinatários, e entre os destinatários entre si, como a parentescos iguais, que partilham um sentido de afeição, responsabilidade e solidariedade mútuas»[3].

O vocábulo «irmão» serve para instruir, educar e fomentar as relações entre ele e a comunidade e na comunidade entre si. Mas o intuito final destas alusões é fazer com que as comunidades se sintam unas entre si e formem uma verdadeira família, onde o princípio da fraternidade seja a base para uma vivência unida da fé e do Evangelho de Jesus Cristo. Em Paulo toda a questão fraterna se exercita num binómio

[2] MEEKS Wayne A., *The First Urban Christians – The Social World of the Apostle Paul*, Yale University Press, New Haven e Londres, 1983, p. 107.
[3] HORRELL David G., *From ἀδελφοί to οἶκος Θεοῦ: Social Transformation in Pauline Christianity* in Journal of Biblical Literature, Volume 120, nº 2, 2001, p. 299.

entre o seu significado de consanguinidade (significado comum de irmão de sangue) e o seu sentido espiritual (fundação de uma família que vai além dos laços de sangue). A questão fraternal foi sempre basilar em Paulo: a partir dela ele fundou e construiu as comunidades.

São Paulo, em vez de peregrinar de terra em terra, escolhia os grandes centros urbanos, seleccionando primeiramente as capitais de província. É importante referir que embora não andasse de terra em terra ele fez três grandes viagens, onde «percorreu, por terra e por mar, um total de milhares de quilómetros [...] cerca de 1000 quilómetros para a primeira viagem, [...] 1400 para a segunda e [...] 1700 para a terceira»[4]. Chegando a uma cidade Paulo tinha um *modus operandi* particular. Em primeiro lugar procurava espaços populosos de encontro, como as sinagogas e as ágoras das cidades[5]; depois, se alguém tocado pelas suas palavras lhe oferecia hospedagem, começava aí a evangelização, tomando a casa como plataforma e alavanca para a expansão da Palavra[6].

As casas tornavam-se como que Igrejas domésticas, daí Paulo escrever na Carta a Filémon: «à igreja que se reúne em tua casa» (Flm 1, 2c). As reuniões dos irmãos cristãos passam a ser feitas em casas. Alguns dos pontos importantes na caracterização destas reuniões domésticas eram: ser no primeiro dia da semana, estarem todos reunidos para ouvirem a Palavra, a refeição comum e o memorial da Ceia do Senhor. Sobre esta questão da refeição comum o autor Giuseppe

[4] COTHENET Edouard, *São Paulo no Seu Tempo*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1983, 1ª Edição, Coleção Cadernos Bíblicos nº 13, p. 31.
[5] Cf. COTHENET Edouard, *São Paulo no Seu Tempo*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1983, 1ª Edição, Coleção Cadernos Bíblicos nº 13, p.13.
[6] Cf. BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, Edições Sígueme, Salamanca, 1997, 3ª Edição, Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos nº65, p. 95.

Barbaglio refere que «para Paulo, a comida em comum, expressão de fraternidade e amor, representa paulatinamente a nova agregação de pessoas distintas por cultura, por ingresso, por posição social, por sexo e tradição religiosa, que deixam erigir essa diversidade entre eles como factor determinante»[7], como o próprio Apóstolo dos Gentios lembra: «não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (Gl 3, 28). Ora daqui concluímos que o conceito fraternal em São Paulo serve para evidenciar uma nova agregação dos cristãos, onde são todos tomados por iguais, independentemente de raça, idade, sexo, extracto social, entre outros factores. Daí Paulo referir: «Sede afectuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na estima mútua» (Rm 12, 10).

O vocábulo «irmão» em números na Sagrada Escritura

Por fim queria apresentar alguns dos números, da contagem deste vocábulo na Sagrada Escritura. No Antigo Testamento a palavra irmão apresenta algumas variações semânticas importantes. O termo hebraico corrente para designar irmão é ʾāh (אָח), e ele comparece seiscentas e vinte e nove vezes no Antigo Testamento, entre as quais cento e catorze no feminino[8]. No Novo Testamento a palavra irmão (avdelfoi) aparece trezentas e quarenta e sete vezes no conjunto do Novo Testamento, das

[7] BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, Edições Sígueme, Salamanca, 1997, 3ª Edição, Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos nº65, p. 106.

[8] Cf. ERNST Jenni (ed.), *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, Edições Cristandad, Madrid, 1978, Tomo I, p. 167.

quais noventa e sete vezes nos Evangelhos, cinquenta e sete vezes nos Actos dos Apóstolos, cento e treze vezes nas Cartas Proto-paulinas e setenta e seis vezes nos restantes Escritos Neo-testamentários[9].

Rui Silva

[9] Cf. BALZ Horst e SCHNEIDER Gerhard, *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*, Edições Sigueme, Salamanca, 1996, Volume I, p. 84.

CRÓNICA DA VIDA DO SEMINÁRIO

Terminámos a nossa última crónica adivinhando um mês de Novembro rico em graças e bênçãos de Deus, com a ordenação episcopal do Reitor e as ordenações diaconais. Foi um mês marcado pela oração, não só no clima geral da vida comunitária mas também pelas diversas vigílias de Oração nas paróquias dos Ordinandos e na Sé Patriarcal. Assim, na Solenidade de Cristo Rei, vivemos com grande alegria a Ordenação Episcopal do nosso Reitor, D. Nuno Brás, presidida pelo Senhor Patriarca, contando com a presença dos Bispos co-ordenantes D. Rino Fisichela e D. Manuel Clemente e vários membros do episcopado português. E logo na semana seguinte, no I Domingo do Advento, nova alegria e júbilo, pela ordenação Diaconal do David Palatino, Duarte Morgado e eu próprio, bem como do Salvatore Forte, do Seminário Redemptoris Mater. É um dos momentos mais importantes para a nossa comunidade, pelo sinal que significa uma ordenação: a entrega das nossas vidas na união com Jesus para o serviço da sua Igreja.

O dia 30 de Novembro de 2011 fica assinalado na história do Seminário dos Olivais com a tomada de posse do novo reitor, o Padre José Miguel Barata Pereira, na eucaristia presidida pelo Senhor Patriarca.

Já o conhecíamos como prefeito e vice-reitor e alegramo-nos agora por vê-lo como 7º reitor desta casa, tomando em suas mãos um trabalho de que depende, em grande parte, o futuro dos presbitérios de Lisboa, Santarém, Funchal, Aveiro, Leiria-Fátima, Portalegre e Castelo-Branco, Mindelo e Santiago de Cabo Verde. Estamos certos de que não lhe faltará o auxílio oportuno do Senhor para desempenhar esta função.

O mês de Dezembro passou a correr, na expectativa do Natal do Senhor. Na vida da comunidade há a registar a recolecção mensal com celebração penitencial, que sempre nos ajuda a melhor preparar a vinda do Senhor e uma melhor vivência do Tempo do Natal. No dia da Imaculada Conceição, como habitualmente, tivemos a Missa Pontifical na Sé e, pela tarde, a festa do Seminário de Penafirme. Na Missa foram crismados alguns seminaristas menores e depois de um belo jantar fomos presenteados com uma sessão festiva de teatro, poemas e cânticos e as palavras finais de D. Nuno Brás, em nome do Senhor Patriarca.

Na última semana antes das férias tivemos a tradicional festa de Natal, onde procuramos agradecer de forma especial aos funcionários do Seminário e suas famílias, quer pela confecção do jantar e pelo serviço, como através de alguns cânticos e um teatro. É sempre um bonito momento de convívio entre todos os que, de forma mais alargada, constituem o nosso Seminário.

Já no tempo das férias alguns de nós pudemos acompanhar os nossos colegas madeirenses na sua ordenação diaconal. O Fábio Ferreira, o Paulo Silva, o Pedro Nóbrega e o Rui Silva, finalistas do nosso Seminário, viveram intensamente, com amigos e famílias, este dia que certamente não esquecerão. Também neste dia, o IV Domingo do Advento, lembramos os nossos antigos colegas Samoel da Costa e António Furtado, de Cabo Verde, no dia da sua ordenação diaconal, bem como o Ramom Vergasta, o Miguel Ângelo e o Paulo Marques, que foram instituídos acólito na Diocese de Santarém.

Por fim, vivemos o Natal do Senhor, cada um nas suas Dioceses. Em Lisboa, depois da Missa do Galo na Sé, esperava-nos no Seminário a habitual ceia natalícia, vivida como sempre em grande alegria e animação.

Após uma semana de férias em casa, é tempo de voltar ao Seminário para um mês marcado pelo estudo, no início da época de exames do primeiro semestre. Ainda a nível académico, é de salientar a visita do Pe João Lourenço, o novo Director da Faculdade de Teologia, que connosco esteve a celebrar Missa e no serão nocturno partilhou algumas questões acerca da nossa Faculdade, do nosso papel como estudantes de teologia e das relações de amizade e colaboração entre o seminário dos Olivais e a UCP. Foram feitas várias perguntas e deixadas algumas interpelações sobre questões relativas a disciplinas e propostas de inovação para o futuro.

Nos dias 12 e 13, é de salientar também a realização, na Universidade Católica, das Jornadas Balthasarianas, na sua 4ª edição. Este ano sob o tema «Vida e Morte – o horizonte da esperança cristã na obra de H.U.von Balthasar», procuraram reflectir sobre esta temática e também lançar a tradução em português do livro do autor «Inferno ou Paraíso. O que podemos esperar?». Um tema pertinente e actual que ajuda à reflexão teológica num mundo que procura respostas a estas que são as grandes questões da existência.

A solenidade de São Vicente, Padroeiro principal do Patriarcado de Lisboa, foi, como de costume, marcada pela Missa celebrada pelo Senhor Patriarca na Sé, com a presença de inúmeros sacerdotes, diáconos e leigos de toda a diocese.

Na semana seguinte acolhemos no Seminário dos Olivais, como já tem sido habitual, a semana de formação permanente do Clero, desta feita com o tema «Assumir sem medo e com ousadia a dimensão profética da Igreja». Contou com a participação do Arcebispo emérito de Pamplona, D. Fernando Sebastián Aguilar, e do bispo nomeado de Lamego, D. António Couto. Foi uma semana de profunda reflexão sobre aquelas que são as dimensões mais importantes e centrais da "nova evangelização", bem como os principais desafios pastorais que esta dinâmica missionária traz à Igreja de Lisboa.

Fevereiro começou ainda sob o clima exigente dos exames, que imprime um maior silêncio e relativa calma à vida da comunidade, dedicando os seminaristas dos diversos anos o seu

tempo de forma especial ao estudo das disciplinas e à realização de trabalhos académicos. É interessante notar também o ambiente geral de reflexão e alguma discussão teológica, sinal da diversidade de opiniões e sensibilidades que caracterizam sempre a nossa Igreja. Contudo, no meio desta época tão cansativa, uma pausa para a habitual recolecção mensal ajuda-nos a perceber que estudo e oração não se podem desligar, antes se iluminam mutuamente: o nosso estudo é sempre entendido à luz da fé e com o auxílio da graça de Deus, para que, compreendendo melhor as "razões da nossa fé", a possamos transmitir a todos os que nos serão confiados.

Algo que marca também a época de exames de forma muito positiva e animada são as ceias promovidas pelos diversos cursos às Quartas-feiras. Depois de mais um tempo de estudo, é tempo de comer um pequeno (ou menos pequeno) petisco e retemperar forças para um novo dia de trabalho!

E eis que rapidamente chegamos a Quarta-feira de Cinzas, sendo o nosso início da Quaresma vivido em Seminário na Sé de Lisboa. É sempre um dia forte onde com maior clareza nos dispomos a fazer esta caminhada penitencial rumo à Páscoa do Senhor. De facto, viver a Quaresma segundo o que a Igreja nos propõe, fazendo dela um verdadeiro tempo de arrependimento, conversão, mudança de vida e acolhimento do amor de Deus, é para nós fundamental e imprescindível.

Nesse sentido, ajudam-nos sempre as catequeses Quaresmais proferidas pelo Senhor Patriarca na Sé, em cada Domingo. Este ano, por estarmos envolvidos na Missão Metrópoles, cada catequese foi dirigida a um grupo específico. A Missão Metrópoles é uma iniciativa promovida pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização que envolve doze capitais europeias e tem como objectivo, no âmbito da Nova Evangelização, ultrapassar a fragmentariedade e dar sinais de unidade entre estas diversas dioceses.

Os temas das Catequeses Quaresmais dirigiram-se aos catecúmenos, famílias, agentes culturais, obreiros da solidariedade e caridade, responsáveis pela construção da comunidade e, por fim, aos jovens.

A última catequese ocorreu como de costume no Domingo de Ramos, Dia Mundial da Juventude e, nesse sentido, na nossa diocese agendou-se para este dia a Jornada Diocesana de Juventude que, entre outras actividades, culminou com a catequese dos jovens e Missa na Sé com o Senhor Patriarca, na qual estiveram mais de 1500 jovens. Foi verdadeiramente uma graça de Deus poder ver a Sé cheia de jovens a celebrar a fé e a iniciar a semana mais importante do ano litúrgico.

Na vida do Seminário, não podemos deixar de destacar o nosso retiro anual, realizado na primeira semana da Quaresma, desta vez cá no Seminário. Tivemos como pregador o Padre João Paulo Domingues, Reitor do Seminário de Beja, que nos orientou num percurso espiritual centrado no Evangelho de São Marcos, o evangelista deste ano. Ainda a este propósito é de salientar a leitura continuada do Catecismo da Igreja Católica durante o nosso jantar comunitário, enquanto tomávamos a sopa. É um momento de marcar o tempo da Quaresma e de voltarmos a ouvir os ensinamentos do Magistério sobre a fé.

No IV Domingo da Quaresma o nosso colega Cláudio Rodrigues foi instituído Leitor pelo Senhor Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino e cá no Seminário, na Quarta-feira da V Semana foram investidos como Acólitos os seminaristas Diogo Correia, Paulo Pires e Thomaz Fernandez e como Leitor o Mário Silva, numa Missa presidida pelo Senhor Patriarca.

Depois de alguns dias mais calmos, voltámos ao Seminário para celebrar o Tríduo Pascal. Antes disso foi ocasião de rever muitos padres nossos conhecidos na Missa Crismal, que este ano juntou mais de 300 sacerdotes de Lisboa e outros que não sendo da diocese aqui se encontram em trabalho pastoral. O almoço que se seguiu aqui no Seminário é também sempre um momento de grande alegria e júbilo por ver a vitalidade da Igreja. Como realçou o Senhor Patriarca, a união de cada padre ao seu Bispo é essencial para que, a partir dessa união, a celebração da Páscoa em cada paróquia ganhe um sentido de comunhão indispensável na vida da Igreja.

Na Páscoa deste ano o nosso Seminário foi enriquecido com a

integração do Padre Alexandre Palma na Equipa Formadora como prefeito. Damos-lhe as boas vindas e pedimos ao Senhor que o cumule das suas bênçãos.

O regresso das férias da Páscoa ficou marcado também pelas instituições de Leitores e Acólitos na Diocese de Aveiro. A nossa comunidade conta agora com dois novos Leitores (João Santos e Pedro Barros) e três novos Acólitos (Hélder Ruivo, Leonel Abrantes e Vítor Cardoso). Que Nosso Senhor os cumule de bênçãos para poderem servir a sua Igreja tanto pela Palavra como pelo serviço ao Altar.

Na semana que se seguiu celebrámos o 85º aniversário do Papa Bento XVI que, embora fragilizado pela avançada idade, continua a ser um exemplo dedicação e de amor a Deus e à Igreja. Ecoam-nos as palavras na homilia que proferiu na Missa desse dia: "Estou na parte final do caminho da minha vida e não sei o que vem adiante. Eu sei, no entanto, que a luz de Deus está lá e que a Sua luz é mais forte do que qualquer escuridão." Dois dias depois celebrávamos o 7º ano da sua eleição, e são tantas as bênçãos que a Igreja recebeu neste tempo que só podemos dar graças a Deus pelo Santo Padre e pedir que o confirme e auxilie na sua missão pastoral.

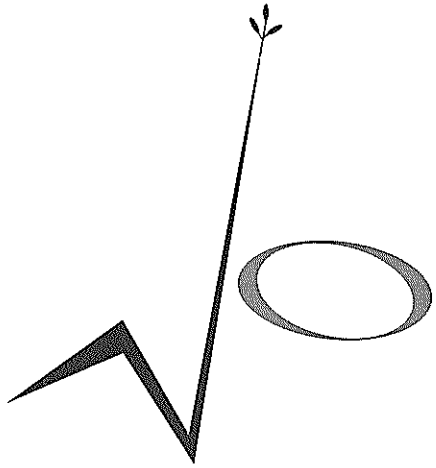
O mês de Abril aproximou-se do fim com a vivência da Semana de Oração pelas Vocações que no nosso Seminário se traduziu na realização de mais uma Semana.com, na qual pudemos acolher cerca de uma dúzia de rapazes em discernimento vocacional que assim nos acompanharam e connosco viveram uma semana de vida de Seminário. Juntando-se aos nossos ritmos experimentaram um pouco do nosso dia-a-dia e de como aqui procuramos encontrar a vontade de Deus e segui-la de todo o coração. Rezemos por todas as vocações, nomeadamente as vocações sacerdotais, de modo que o Senhor envie mais trabalhadores para a Sua messe.

Terminamos esta crónica realçando o feliz acontecimento que foi a Ordenação Diaconal do nosso colega finalista Ramom Vergasta, da diocese de Santarém, ocorrida no Domingo do Bom Pastor. Foi uma bonita celebração onde pudemos viver mais uma vez este grande dom que é ser escolhido pelo Senhor para o serviço da Igreja e do mundo, sendo sinal do amor e do serviço de Jesus que em toda a sua vida Se fez o mais pequeno e humilde.

Resta-me por fim despedir-me dos meus leitores, uma vez que na próxima revista já poderão contar com um novo cronista! Foi uma graça e um privilégio poder reviver assim, passo por passo, todo um ano de Seminário, o que sempre me ajuda a valorizar este tempo, este espaço, mas principalmente esta comunidade, da qual faço e parte e na qual encontro a cada dia o Senhor que me chama a segui-l'O sem reservas.

Te Deum laudamus!

Duarte Andrade e Sousa



NOVELLAE OLIVARUM

"O «centro vital» de todo o caminho vocacional seja sobretudo a Eucaristia: é aqui no sacrifício de Cristo, expressão perfeita de amor, que o amor de Deus nos toca; e é aqui que aprendemos incessantemente a viver a «medida alta» do amor de Deus. Palavra, oração e Eucaristia constituem o tesouro precioso para se compreender a beleza duma vida totalmente gasta pelo Reino."

Papa Bento XVI